

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KÁTIA DE ARAÚJO SILVA

**PRÁTICAS E DISCURSOS: a representação da seca no Piauí na narrativa do periódico
“A Imprensa” (1877-1879).**

PICOS- PI
2022

KÁTIA DE ARAÚJO SILVA

**PRÁTICAS E DISCURSOS: a representação da seca no Piauí na narrativa do periódico
“A Imprensa” (1877-1879)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador
Helvídio Nunes de Barros, como requisito básico para a
obtenção de nota da disciplina de TCC II.

Professor Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa
Monteiro

PICOS-PI

2022

KÁTIA DE ARAÚJO SILVA

**PRÁTICAS E DISCURSOS: a representação da seca no Piauí na narrativa do periódico
“A Imprensa” (1877-1879).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito
básico para a obtenção de nota da disciplina de TCC
II.

Aprovado em: **11/10/2022**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Orientador (Universidade Federal do Piauí)

Prof. Dr. José Lins Duarte
Examinador Interno (Universidade Federal do Piauí)

Prof. Ms. Cássio de Sousa Borges
Examinador Externo (SEDUC)

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586p Silva, Kátia de Araújo
Práticas e discursos : a representação da seca no Piauí na narrativa do periódico "A imprensa" (1877-1879) [recurso eletrônico] / Kátia de Araújo Silva – 2022.
64f.

1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2022.
"Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro "

1. Seca. 2. Piauí. 3. Emigração. 4. Imprensa. I. Monteiro, Francisco Gleison da Costa. II. Título.

CDD 981.812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos onze (11) dias do mês de outubro de 2022, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital do Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **KÁTIA DE ARAÚJO SILVA** sob o título **PRÁTICAS E DISCURSOS: a representação da seca no Piauí na narrativa do periódico “A Imprensa” (1877-1879)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 1: Prof. Dr. José Lins Duarte
Examinador 2: Prof. Ms. Cássio de Sousa Borges

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 11 de outubro de 2022.

Orientador (a):

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador (a) 1:

José Lins Duarte

Examinador (a) 2:

Cássio de Sousa Borges

A Maria Darci de Araújo (in memoriam), minha tia querida, mulher guerreira, generosa, de quem herdei a vocação e o amor à docência. Tia, embora não esteja mais aqui, dedico essa vitória a senhora que sempre me apoiou e incentivou incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

“Deus não poderia inspirar em mim desejos irrealizáveis” Santa Teresinha do Menino Jesus

“Põe tuas delícias no Senhor, e os desejos do teu coração ele atenderá. Confia ao Senhor a tua sorte, espera nele, e ele agirá.” Salmos 36, 4-5

Não poderia iniciar os agradecimentos de outra forma, pois, essas palavras foram para mim alento e força em tantos momentos difíceis. O amor e o cuidado de Deus se fizeram presentes durante esses cinco anos de graduação. Como sou grata ao meu Senhor e Deus por tudo, por inspirar os sonhos no meu coração e me permitir realizar. Toda minha gratidão e louvor a ti Senhor.

A virgem Maria, a Imaculada Conceição, a minha mãezinha do Céu, que sempre esteve ao meu lado me protegendo, guardando e intercedendo por mim junto a Jesus. Ao Espírito Santo, o doce hóspede da alma, por sempre vir em meu auxílio nos momentos de angústia, de desesperança, obrigada por me dar forças, sabedoria, inteligência e por conduzir cada passo meu. A São Padre Pio, meu pai espiritual e amigo do céu, sei que tua intercessão junto a Jesus por meu sonho foi importante nesse processo, gratidão.

A minha avó Isabel Ana (Vó Bela), in memoriam, a senhora foi a primeira a acreditar em mim, foi contigo que dividi este sonho pela primeira vez e mesmo não estando aqui quando ingressei na Universidade Pública, posso afirmar com toda convicção de que a senhora esteve sempre do meu lado em cada fase dessa longa jornada. Ao meu avô Benedito Pereira (in memoriam), por todo amor e orgulho que sempre tinha quando fala que estava na universidade, o senhor esteve comigo durante boa parte da graduação, afirmo que sua presença foi valiosa para que eu chegasse até aqui.

A minha tia Maria Darci (in memoriam), toda minha gratidão a senhora que me apoiou de forma incondicional, me acolheu em sua casa, cuidou de mim como uma filha e tinha muito orgulho por me ver estudando em uma Universidade Pública, obrigada por ter sido colo protetor em tantos momentos, me dói saber que não está presente entre nós, mas eu dedico esta conquista a você, minha tia e mãe de coração.

Aos meus pais, Maria Estela e Raimundo Pedro, pelo apoio incondicional e por fazerem o possível para que este sonho se tornasse realidade. Os amo e agradeço por tudo! Essa é a primeira de muitas conquistas que realizaremos juntos.

Aos meus irmãos, Gilmara e Rodrigo, obrigada por toda compreensão, por aguentarem os meus surtos quando tinha prova e por entenderem minha ausência em tantos momentos importantes. Amo vocês!

Ao meu sobrinho Gustavo, tia sacrificou tantos momentos contigo para poder estudar, sempre me doía quando você dizia “tia de novo esse negócio de TCC”, mas, foi você quem me deu força para continuar, que me acalmava e fazia rir quando estava preocupada ou estressada por causa do curso. Obrigada por tudo meu pequeno!

A vida acadêmica me permitiu conhecer pessoas muito especiais, sem as quais não teria conseguido chegar aqui. Por isso, ressalto a importância de cada um nessa minha conquista. Obrigada a Marcos meu grande amigo, a Laura Jennifer minha amiga e irmã, minha dupla dinâmica, Alexandre (Francisco das Chagas), obrigada por cada trabalho que construímos juntos, pelos perrengues, e por rirmos juntos das situações complicadas da vida, meus amigos e companheiros de vida.

Agradeço também aos meus amigos de turma, Suylane, Mirely, Mariney, Fábio, Carlos Vinícius, Melissa Freitas, tenho muito carinho por cada um de vocês, obrigada pelos momentos que dividimos. As amigadas que foram sendo construídas pelos corredores da UFPI, no bloco de História e durante o PIBD, obrigada a Débora, você se tornou uma grande amiga, Geilsa, minha amiga e dupla de PIBID, a Jhonys, cearense arretado obrigada por todo incentivo e por ser uma inspiração para mim e a Gabriel, meu amigo querido. A Everton, obrigada por sua generosidade em partilhar comigo os caminhos e descaminhos da pesquisa, você me ajudou muito.

A Thaís e Raquel que tanto me ajudaram no início do curso, a Flávia, minha amiga querida. A Raylla, minha amiga e conterrânea, durante quatro períodos caminhamos juntas na graduação dividindo conquistas e angústias, infelizmente a vida nos levou por caminhos diferentes, mas agradeço por cada momento compartilhado.

Aos meus amigos, que sempre estiveram do meu lado me incentivando e por compreenderem as ausências durante a graduação. João Paulo, toda a minha gratidão a você por tudo que sempre fez/faz por mim, obrigada por todos os momentos vividos. Cristiano, obrigada por sempre mostrar que sou capaz. A José (Zé fofim, in memoriam) meu amigo/irmão obrigada por todo apoio desde sempre e por acreditar em mim. A Thiago e Késia, meus amigos desde o Ensino Fundamental e que também se fizeram presentes durante a graduação e tantos momentos da vida. Os amo!

As minhas primas, Patrícia, Gabriela, Maria de Jesus, Graziela, Keylla, Deubla, Carol e Karine, minha afilhada, obrigada por celebrarem comigo cada conquista e por se fazerem

presentes em todos os momentos da minha vida, essa conquista é nossa, amo vocês, minhas irmãs!

A meu tio Pedro, meus primos Daniel, Ivan e Ronaldo, por serem meus “motoristas” durante mais de dois anos, sempre indo me deixar e buscar em Canabrava para que eu pudesse ir estudar, gratidão! Aos meus primos Samuel e Alexandre, os amo e agradeço por tudo. A minhas primas Cristiane e Aparecida, que sempre me apoiaram e principalmente pela ajuda no início do curso, quando não tinha notebook e vocês com toda generosidade me emprestavam para que eu pudesse fazer minhas provas e trabalhos. Obrigada!

A família de padrinho Chagas e tia Dalva, por sempre me acolherem em suas casas quando eu precisava ficar em Picos para ir pra UFPI. A minha tia Maria José (Dedé) e tia Donizete, obrigada por todo incentivo e apoio ao longo desses anos. A todos os meus familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também aos professores do curso de História do CSHNB por terem contribuído de modo significativo para minha formação profissional e humana. Agradeço de modo especial ao professor Rafael Ricarte, com quem pude aprender muito durante minha experiência no PIBD. A Raimundo, que tanto me ensinou durante as disciplinas que ministrou e de modo particular durante a Residência Pedagógica. Aos mestres Olívia e Heitor, muita gratidão por tudo que aprendi com vocês. A José Lins, meu professor querido, por quem tenho grande carinho e admiração, o senhor me ensinou muito. Ao professor Francisco Gleison, meu orientador. Obrigada por ter me orientado no projeto de Iniciação Científica Voluntária (ICV) e pela orientação na pesquisa do TCC, agradeço por toda paciência, compreensão, pelos textos, livros e fontes que me forneceu, o senhor é um excelente profissional e ser humano.

Por fim, agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão das bolsas nos Programas de iniciação à docência PIBID e RP, além de me ajudar financeiramente durante o curso para que pudesse me dedicar aos estudos, me proporcionou umas das melhores experiências dessa jornada acadêmica que foi o contato logo no início do curso com a sala de aula. Me ajudou a perceber de fato o quanto amo a história e a profissão que escolhi pra vida. E a PRAEC — Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários, pela bolsa da BAE à qual fui contemplada durante a graduação.

A todos (as), o meu muito obrigada!

“E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo”

Raquel de Queiroz, 1930.

RESUMO

Buscamos neste trabalho, identificar e analisar as representações da seca de 1877-1879 na Província do Piauí, a partir da narrativa do periódico “A Imprensa”, sobretudo evidenciar os problemas decorrentes das migrações massivas dos indivíduos que abandonaram seus lares em busca de sobrevivência. Além disso, destacamos o contexto político, social e econômico piauiense durante o flagelo da seca, bem como aos diferentes grupos sociais atingidos pelo flagelo e as estratégias de sobrevivência usadas por estes. Nesse sentido, será analisado os efeitos da seca no Piauí. Para além disso, a referida pesquisa buscou mostrar através dos discursos do jornal “A Imprensa” como a seca e os emigrantes eram representados, destacando também a atuação da imprensa e das elites para que a temática da seca ganhasse visibilidade nacional, bem como identificar quais as medidas foram implantadas para prestar auxílio aos migrantes.

Palavras-chave: Seca; Migração; Comissão de Socorros; Jornais; Discursos.

ABSTRACT

In this work, we seek to identify and analyze the representations of the drought of 1877-1879 in the Province of Piauí from the narrative of the periodical "A Imprensa", especially to highlight the problems arising from the massive migrations of individuals who abandoned their homes in search of survival. In addition, we highlight the political, social and economic context in Piauí during the scourge of drought, as well as the different social groups affected by the scourge and the survival strategies used by them. In this sense, the effects of drought in Piauí will be analyzed. In addition, this research sought to show through the speeches of the newspaper "A Imprensa" how drought and emigrants were represented, also highlighting the role of the press and the elites so that the drought theme gained national visibility, as well as identifying which the measures were implemented to provide assistance to migrants.

Keywords: Dry; Migration; Relief Commission; newspapers; speeches.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Distribuição espacial da seca de 1877/1879 na província do Piauí

Quadro 2 — Variação no preço da farinha durante a seca nos de 1877-1878 na província do Piauí

Quadro 3 — Movimento da Enfermaria de Imigrantes estabelecida no Quartel de Polícia em Teresina- jun/jul. 1879.

Quadro 4 — Movimento da Enfermaria de Imigrantes estabelecida na Santa Casa de Misericórdia em Teresina- jun. 1879.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A SECA NO PIAUÍ	21
1.1 A província do Piauí no contexto da seca	21
1.2 Os efeitos da seca narrados pelo jornal “A Imprensa”	28
2 A SECA REPRESENTADA NAS PÁGINAS DO JORNAL “A IMPRENSA”	39
2.1 “Nesta província tem morrido varias criaturas de fome!” discursos sobre a seca. .	39
2.2 “Se o governo não os socorrer com dinheiro bastante, tem de perecer muitos a fome!” A Comissão de socorros e a imprensa.	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

A seca de 1877-1879 atingiu algumas das províncias da região Norte do Brasil. A paisagem sertaneja durante a estiagem muda, a vegetação perde suas cores expressivas, as plantações e os animais morrem. Esses fatores causam preocupação e trazem dificuldade a população que vivia no campo, nos sertões do Brasil. Por conseguinte, a população que era castigada pelos efeitos da seca vendo escassas as condições de sobrevivência em seu lugar de origem começam a se deslocar em busca de melhores condições de vida, pois temiam a fome e a sede. Entretanto, essas migrações para o campo e para cidades, principalmente, para o litoral e as capitais das províncias preocuparam as autoridades e as classes mais abastadas da sociedade, pois temiam as insurreições e a desordem social.

O interesse por esse estudo, surgiu a partir da participação em um projeto de ICV (Iniciação Científica Voluntária) coordenado pelo professor doutor Francisco Gleison da Costa Monteiro, tendo como título “Mundos do Trabalho: a exploração da mão de obra dos trabalhadores na seca no Piauí (1877-1879)”, o qual trata sobre a temática da seca no Piauí. Diante de uma maior aproximação com o tema por meio das leituras bibliográficas e com a fonte analisada nesse trabalho o periódico piauiense “A Imprensa”, nos chamou a atenção o modo como as notícias referentes a seca no período de 1877 a 1879 eram narradas.

Nesse sentido, buscamos estudar a seca não somente como resultado de fator climático, mas ter um olhar mais aprofundado e crítico sobre as questões inerentes à seca. Diante disso, a presente pesquisa visa trazer contribuições para a construção da história do Piauí oitocentista, principalmente no tocante à seca 1877-1879 que assolou o nosso estado, pondo em evidência os diferentes fatores e agentes no centro dessa discussão historiográfica. Além disso, este trabalho buscou mostrar através do diálogo com a fonte e o material bibliográfico a construção de um momento da história que muitas vezes é levado ao esquecimento ou interpretado de forma pejorativa.

Desse modo, esse trabalho se faz importante na medida que contribui para o conhecimento de uma história problema, que não somente reproduz o que a fonte diz, mas que questiona e problematiza. Além disso, nessa pesquisa destacamos as camadas populares mostrando suas experiências e lutas diante de uma elite que agia em função de seus próprios interesses, mostrando assim, as relações de poder existentes entre os migrantes, a elite e as autoridades da época, bem como enfatizar o contexto social, político e econômico piauiense no final do século XIX. Portanto, a pesquisa se faz relevante não somente no contexto da

Universidade Federal do Piauí, lugar social de onde parte sua produção, mas também para a sociedade acadêmica como um todo que tenha interesse em conhecer mais sobre o tema.

Para a elaboração e construção do presente trabalho, utilizamos como fonte o jornal “A imprensa: Periódico Político (PI)” através das edições publicadas nos anos de 1877 a 1879, o qual foi coletado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o qual traz narrativas a respeito da seca, dos migrantes, das comissões de socorros públicos, do cenário social e político da época. Mediante a identificação das notícias e informações sobre a seca coletadas no periódico, buscou-se identificar e analisar as representações sobre a seca de 1877-1879 no Piauí. Dessa forma, fez-se necessário analisar a fonte através da problematização e questionamento, tendo um olhar crítico sobre as narrativas referentes a seca.

Em vista disso, utilizamos a metodologia da pesquisa qualitativa na construção desse trabalho. Assim sendo, a investigação e análise da fonte foi mediada pela leitura de autores que discutem a temática da seca, bem como as reflexões teóricas sobre os conceitos abordados nessa pesquisa entre os quais destacamos: o conceito de representação, práticas e discursos, desvalido e retirante.

Embora o termo retirante já fosse usado anteriormente no Norte do país geralmente relacionado a questão da violência, ou seja, desvalido era o sujeito vítima da violência em consequência da falta de segurança pública, o termo foi ressignificado durante a “grande seca” sendo utilizado a partir de então para identificar o retirante fugitivo das estiagens. Nesse sentido, a população migrante que sofria com as consequências da seca passou a ser considerada como “desvalida”. Outras denominações foram associadas aos migrantes, esses termos eram em grande medida usados num sentido pejorativo, a exemplo da palavra “retirante” a qual fazia “alusão à retirada dos rebanhos de gado, sendo atribuída a todos os desvalidos socorridos fora dos seus municípios de origem, o que incitava a animosidade local.”¹

Diante da problemática e dos objetivos dessa pesquisa, fez-se necessário a discussão e compreensão do conceito de representação, pois buscou-se identificar através da fonte como a seca era representada. Por conseguinte, utilizamos em nossa pesquisa o conceito de representação usado por Roger Chartier² o qual conceitua esse termo como uma construção social, nos auxiliando a entender as representações sobre a seca no periódico piauiense “A Imprensa” como parte de uma construção social da época.

¹ SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

² CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

Durante o processo de leitura e investigação da fonte, percebemos que o jornal não é um documento histórico imparcial ou neutro, mas que há em suas narrativas uma construção mediada pela intencionalidade de determinados atores sociais. Nesse sentido, ao analisarmos as notícias referentes a seca na província do Piauí, nos anos 1877 a 1879, percebemos que o periódico “A Imprensa” passou a noticiar em meados de 1877 sobre o agravamento da seca que assolava a região Norte do Brasil, assim como relatava sobre a catastrófica realidade que ia se alastrando pela província piauiense, suplicando das autoridades que fossem tomadas medidas para socorrer a população.

Além disso, fica evidente na análise da fonte a fixação de diversos migrantes no Piauí vindos de outras províncias, principalmente do Ceará. Percebe-se nas narrativas que há uma intencionalidade por trás dos discursos, nas abordagens a respeito da seca, das ações do governo, na forma como são representados os migrantes, bem como os diferentes grupos sociais da época.

A partir do questionamento e confronto com as notícias do jornal “A Imprensa” percebemos a necessidade de se estudar de maneira mais detida a seca no Piauí e de problematizar esse período de nossa história tantas vezes relegado na historiografia, de perceber as representações da seca no Piauí, bem como das experiências dos sujeitos políticos e sociais que vivenciaram esse momento de nossa história. Assim sendo, problematizamos: Como a seca e os migrantes eram representados no periódico “A Imprensa”? Que estratégias de sobrevivência foram tomadas pelos migrantes? Que iniciativas foram tomadas pelas autoridades para socorrer a população e como o jornal avaliava as ações realizadas pela comissão de socorros?

Com base na análise e problematização do jornal “A Imprensa”, surgiram ainda outros questionamentos que nortearam a nossa pesquisa a respeito dos impactos da seca de 1877-1879 na província do Piauí e indagações acerca da sociedade como, por exemplo: Quais os impactos causados pela seca na província do Piauí? Havia conflitos políticos e sociais? Que ações foram tomadas pela sociedade piauiense durante a seca?

Tendo em vista que buscamos analisar e identificar a representação da seca no Piauí nos anos de 1877-1879 a partir da análise e observação de um jornal da época em questão, convém questionar: Como o tema da seca era abordado no periódico? Com que frequência as notícias sobre a seca eram publicadas? Que interesses haviam por trás desses discursos?

Para a análise da fonte e construção da pesquisa utilizamos as reflexões de alguns autores que discutem o contexto da seca não apenas no Piauí, mas também em outras províncias do Norte, que tratam sobre a situação socioeconômica do Piauí durante o período da seca, sobre

as classes pobres e a elite. Além disso, a presente pesquisa tem como base as reflexões teóricas que abordam determinados conceitos como: representação, práticas e discursos os quais são fundamentais para construção e entendimento do nosso trabalho.

Nossa pesquisa parte do pressuposto de compreender a fonte como parte de uma construção histórica, ou seja, o documento não é algo imparcial, mas faz parte de manifestações históricas que em certa medida dizem muito para nós sobre um determinado período de tempo no qual a realidade social foi construída. Dessa forma, se faz necessário questionar o documento, a crítica a fonte é imprescindível na pesquisa histórica. Nessa perspectiva Le Goff afirma que:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.³

A nossa pesquisa está sendo desenvolvida mediante a análise do periódico piauiense “A Imprensa” o qual teve forte atuação durante a seca 1877-1879 informando sobre os principais assuntos referentes a essa temática. Desse modo, afim de termos uma maior compreensão sobre o uso dos jornais enquanto fonte, assim como de perceber a importância e a atuação dos jornais durante o século XIX, estabeleceremos um diálogo com Tânia de Luca⁴ a qual nos dá subsídios teóricos para entender os periódicos como construtores de uma visão de mundo, de percepções de vida social, política e econômica. Vale lembrar que nessa época os valores publicados nos periódicos estavam ligados a determinado partido ou ideologia.

É importante ressaltar que o jornal “A Imprensa” está relacionado ao partido liberal, em vista disso, é preciso olhar atentamente a forma que cada notícia sobre a seca é publicada, bem como atentar para o lugar de destaque do acontecimento no jornal, pois é válido lembrar que durante os três anos de seca o partido liberal passou de oposição ao poder político, ou seja, a medida em que se muda de posição na hierarquia do poder os discursos também tendem a mudar.

A nossa reflexão sobre a seca de 1877-1879 se dá em torno de identificar e analisar as representações sobre esse acontecimento evidenciando as práticas e discursos presentes nas narrativas do jornal. A compreensão de tais conceitos foi mediada pelas reflexões e estudos de

³ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In, **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 538.

⁴ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2º ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

Roger Chartier⁵, o qual conceitua as representações como uma construção de um processo social, ou seja, as práticas sociais e os discursos são determinados pelos interesses e intenções de algum grupo social. Dessa forma, o conceito de representação utilizado por Chartier, contribuiu com a nossa pesquisa na medida em que nos auxiliou a entender a representação da seca e os diferentes sujeitos, a exemplo dos retirantes no periódico “A Imprensa” não como uma cópia fiel da realidade, mas sim como parte de uma construção de um momento histórico.

Ainda no que se refere aos conceitos abordados neste trabalho, destacamos a análise de Foucault⁶, sobre o discurso. Segundo esse autor o discurso constrói o conhecimento, isto é, possibilita o conhecimento sobre algo, assim, seria o discurso responsável pela definição dos sujeitos à medida em que os dispersa e os localiza em diferentes posições, dando aos sujeitos lugares distintos dentro do discurso. É importante ressaltar, que essa não é uma relação livre, mas é uma relação determinada pelo lugar social que o indivíduo ocupa. Nesse sentido, percebemos o lugar dado aos flagelados da seca, os estereótipos a eles atribuídos como parte de uma construção a partir do olhar e do discurso de quem detinha a poder da fala naquele momento.

Para nos auxiliar nas discussões sobre a seca de 1877-1879 na província do Piauí, utilizamos a pesquisa da historiadora Maria Mafalda Baldoíno de Araújo⁷, que contribui de forma significativa para esta temática, uma vez que analisa o cotidiano e as vivências dos sujeitos pobres em Teresina, em busca de sobrevivência durante o período estudado neste trabalho. Araújo, menciona ainda a forma como esses sujeitos eram mal vistos pela elite e pelas autoridades, tendo em vista que o pensamento vigente na época era o de civilizar e modernizar a cidade, e a presença desses sujeitos era vista como um atraso. Além dessas questões, a autora destaca ainda algumas das medidas do governo para conter a população de migrantes.

Tendo em vista o pensamento dominante da elite e das autoridades de que deveria ser ofertado aos migrantes alguma ocupação como o trabalho afim de evitar o ócio, visão esta que pôde ser identificada durante a análise da fonte, consideramos pertinente o diálogo com Monteiro⁸, pois, este trará muitas contribuições sobre a vivência desses sujeitos, além de

⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

⁷ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina**. Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.

⁸ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **Cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Tese (Doutorado em História). CFCH/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2016.

ênfatizar a visão das autoridades sobre a população pobre, bem como essa imposição do trabalho que o governo fazia aos retirantes como uma forma de controle da ociosidade.

Não obstante, José Weyne Freitas Sousa⁹, ao analisar a seca de 1877-1879 na província do Ceará, destaca as ações implementadas pelo governo através da comissão de socorros públicos, bem como evidencia as intenções que haviam por trás dessa assistência prestada aos migrantes, dessa forma “o conceito de “socorros públicos” foi subvertido pelo esforço das elites políticas do Norte, sobretudo do Ceará, conjugando o sentido de “assistência” com o de “progresso”, na proporção em que substituiu o socorro direto pelo indireto”¹⁰. Outro ponto relevante na escrita do autor e que vem a somar em nosso trabalho é a definição e construção dos termos desvalido e retirante.

Houve durante a chamada “grande seca” nos anos de 1877 a 1879, um grande fluxo migratório. Os flagelados pela seca não tendo mais esperança de chuva e vendo as escassas condições de sobrevivência, começaram a migrar tanto para fora da província como também ocorreram as migrações internas. O Piauí recebeu uma grande quantidade de migrantes vindos principalmente da província do Ceará, esses deslocamentos segundo Dias¹¹, vão ocasionar um aumento na mortalidade e da proliferação de doenças. Essas migrações segundo a autora eram uma estratégia de sobrevivência dos retirantes que padeciam de fome e sede.

Ao estudar qualquer acontecimento histórico é importante atentar para os diferentes aspectos sociais da época. Eventualmente, a seca de 1877-1879 não se restringiu unicamente a fatores climáticos há outras consequências que precisam ser estudadas para melhor compreender o período, como por exemplo, o pensamento dominante, se faz necessário também estudar sobre a política, a economia e os setores sociais. Para tanto, iremos dialogar com Hamilton de Mattos Monteiro¹², uma vez que o autor reflete em sua escrita sobre o panorama político-social do século XIX, focando na região Norte do Brasil.

Durante a seca de 1877-1879 no Piauí, houve um grande volume de migrações, a população local já não era capaz de atender com socorros as necessidades dos “retirantes”, principalmente no que diz respeito à alimentação. Fazia-se necessária a ajuda do Estado. Com isso, cresceu entre os piauienses o temor de insurreições por parte dos migrantes esfomeados.

⁹ SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

¹⁰ Ibidem. p. 185.

¹¹ DIAS, Dayane Julia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE). **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 27, n. 2 [38], p. 175-194, jul./dez. 2019.

¹² MONTEIRO, Hamilton de M. **Nordeste Insurgente**. 1850/1890. São Paulo. Ed. Brasiliense, INL, 1987. NEVES, Abdias. Um manicaca. 3 ed. Teresina: Corisco, 2000 [1909].

Nesse sentido, os flagelados passaram a ser representados pela elite, como desordeiros, pessoas ociosas e afeitas ao crime. Dessa forma, consideramos pertinente o diálogo com Frederico de Castro Neves¹³, pois, este historiador aborda as ações de massas no Ceará, num período que vai desde a seca de 1877 até os anos de 1950, sendo um trabalho relevante para nossa pesquisa.

Buscamos, dialogar com Albuquerque Júnior¹⁴, pois consideramos suas colocações sobre a seca como imprescindíveis para nossa pesquisa, uma vez que o autor parte do pressuposto de que a seca no Norte posteriormente Nordeste do Brasil, é fruto de uma invenção. Logo, o autor questiona que a seca sempre fez parte da região Norte do país, mas que teria sido a seca de 1877 a 1879 a que foi lembrada com maior ênfase e que teve repercussão nacional. O autor atribuiu a esse fator, uma intensidade na reprodução dos discursos sobre a seca feitos sobretudo pela elite, é justamente aqui que está o ponto central da ideia de Albuquerque Júnior, pois, segundo ele, foi nesse momento em que as classes mais abastadas começaram a sofrer intensamente com os efeitos da seca, perdendo seu rebanho, as plantações, tendo uma alteração entre as relações de dominações que se reproduziu para o restante do Império as terríveis consequências da estiagem.

Desse modo, buscamos trazer para a nossa pesquisa autores que abordam questões relacionadas a seca de 1877-1879, tendo como foco os textos que tratam acerca dos migrantes, dos efeitos da seca no Piauí e as estratégias usadas pelas autoridades para conter os impactos da seca.

O primeiro capítulo, “A seca no Piauí” abordará acerca dos efeitos da seca de 1877-1879 na província do Piauí, tendo como foco o grande fluxo migratório de pessoas em busca de sobrevivência e de melhores condições de vida. Será abordado também neste capítulo “O Piauí no contexto da seca”, destacando a situação política, econômica e social da província piauiense durante a seca. Além disso, será discutido sobre “Os efeitos da seca narrados no jornal “A Imprensa”, onde será falado sobre os impactos da seca no referido tempo e espaço, buscando evidenciar as práticas e estratégias dos diferentes seguimentos da sociedade, com foco para os que mais sofreram os efeitos da seca: os migrantes.

O segundo capítulo, “A seca representada nas páginas do jornal “A Imprensa” será buscado tratar sobre a atuação do referido jornal durante a seca no Piauí e os discursos construídos pela imprensa e pelas elites referentes ao flagelo. Diante disso, o tópico

¹³ NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

¹⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, p.111-120, 1995.

denominado “Nesta província tem morrido varias criaturas de fome!” discursos sobre a seca.” buscará discutir sobre os discursos sobre a seca e as representações sobre os migrantes, a fome e a questão do trabalho. Por fim, discutiremos sobre as formas de auxílio aos flagelados dando ênfase as comissões de socorros, especificando sua composição e os auxílios prestados aos “retirantes”, que será abordado no tópico intitulado “Se o governo não os socorrer com dinheiro bastante, tem de perecer muitos a fome!” A Comissão de socorros e a imprensa.”

1 A SECA NO PIAUÍ

“Dia a dia, com forças que iam minguando, a miséria escalavrava mais a cara sórdida, e mais fortemente os feria com sua garra desapiedada. Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol.”¹⁵

1.1 A província do Piauí no contexto da seca

Ao pensar uma discussão sobre a seca e suas consequências na província do Piauí em 1877-1879, é imprescindível compreender o contexto político, econômico e social do referido tempo e espaço. Desta maneira, deve-se apontar inicialmente os grupos sociais que compunham a sociedade piauiense nessa época.

A composição da sociedade piauiense oitocentista, era formada por vários grupos sociais. Dentre esses grupos, destacamos os que possuíam grande poder na sociedade, o qual era formado pelas autoridades, pelas elites e os grandes proprietários de terra, além desses havia também as pessoas que se enquadravam dentro de um seguimento “intermediário”¹⁶, a exemplo dos funcionários públicos, profissionais liberais e vaqueiros, e por fim, as pessoas livres as quais se constituíam no grupo social mais numeroso da província do Piauí. De acordo, com Monteiro¹⁷ essa população livre à qual ele caracteriza como “lavradores” era composta por um grupo heterogêneo. No seu labor diário em busca de meios de sobrevivência, os homens livres desempenhavam funções distintas e viviam diante de precárias condições de vida e trabalho.

Nesse sentido, nos chama atenção a dicotomia existente nos modos de viver entre os dois grupos sociais formado pela elite e pelos homens livres pobres, no Piauí, no contexto da seca. Tomemos como exemplo o cotidiano desses indivíduos na cidade de Teresina, na segunda metade do século XIX. É importante lembrar, que o espaço de Teresina anteriormente chamado de Vila Nova do Poti foi o lugar escolhido para ser a nova capital piauiense, no ano de 1852. Tal empreendimento foi liderado pelo político José Antônio Saraiva.¹⁸

A transferência da capital de Oeiras para a Vila Nova do Poti, ocorreu em função do imaginário progressista muito presente na sociedade do Brasil Império. Com isso, acreditava-se que a instalação da capital no novo espaço seria favorável ao desenvolvimento econômico

¹⁵ QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.p.28.

¹⁶ COSTA FILHO, Alcebíades. Atividades econômicas e sociedade. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850 – 1889)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

¹⁷ MONTEIRO, Hamilton de M. **Nordeste Insurgente**. 1850/1890. São Paulo. Ed. Brasiliense, INL, 1987. NEVES, Abdias. Um manicaca. 3 ed. Teresina: Corisco, 2000 [1909].

¹⁸ NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**: Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007. (Coleção Grandes Textos, v. I, II, III e IV).

da província, pois a mesma situava-se as margens do rio Parnaíba o que possibilitaria a comunicação com o interior do Piauí, com os centros civilizados do país e favoreceria o transporte fluvial, o que seria um ganho para o comércio piauiense que teria sua independência das cidades de Caxias e São Luís do Maranhão.¹⁹

No Piauí, o ideal de progresso estava relacionado as transformações materiais. Desse modo, a elite vibrava à medida que a província ganhava ares de modernidade. Com isso, Araújo²⁰, relata a euforia da sociedade diante do primeiro vapor a navegar nas águas do rio Parnaíba, mas, apesar do desejo da elite pela modernização esse processo irá acontecer de forma gradativa.

Nessa perspectiva, nota-se que o progresso material do Piauí e de modo particular da cidade de Teresina, não alcançou seus habitantes da mesma forma. O que se percebe a partir das leituras bibliográficas é uma disparidade entre os locais habitados pela elite e pela pobreza. Enquanto, a parte central da cidade vai se urbanizando ganhando áreas de lazer, comércio, casas, vestia-se de forma elegante, a população pobre sofre com a segregação sendo empurrada para os subúrbios, morando em choupanas em condições de insalubridade, vivendo em condições miseráveis e usando roupas “sujas e esfarrapadas”.

Essa dicotomia entre as classes abastadas e os indivíduos pobres, ficou ainda mais evidente pelas ruas de Teresina durante a seca, em consequência da migração em massa dos “retirantes”. Esse fato contribuiu de modo significativo para o aumento da pobreza e da mendicância em Teresina, a presença dessas pessoas pobres e “desvalidas” perambulando pelos vários pontos da capital gerou na elite o sentimento de pavor e a imagem dos migrantes passou a ser associada a desordem pelos detentores do poder, tanto por medo da criminalidade como do aumento de doenças. Dessa forma,

Convém abordar que, antes da seca, essas já eram situações presentes no cotidiano das cidades, principalmente de Teresina, que se mostrava ainda como uma capital pobre e que abrigava uma população miserável. O período da seca apenas evidenciou em cores mais fortes essa situação, tendo em vista que o número de pessoas passando fome, necessitadas de trabalho ou vítimas de moléstias aumentava em um espaço curto de tempo.²¹

¹⁹ Ibidem.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Imagens de Teresina no século XIX**. Teresina: APeCH/UFPI. 1995.

²⁰ Ibidem.

²¹ SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Asilo de alienados de Teresina: história da assistência e da institucionalização dos loucos [as] no Piauí (1881 a 1920)**. Tese (Doutorado em História). CFHI/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2017.p.49.

Ao analisar a organização política do Piauí do século XIX, percebemos que os espaços de poder continuavam a ser ocupados pelos mesmos grupos de elite existentes desde o período colonial. Isso se deve de sobremaneira, as alianças estabelecidas pelas famílias da elite as quais se constituíram em um forte elemento de fortalecimento político e econômico, através da união dos cônjuges.²² Desse modo,

[...] para a elite do Piauí colonial a decisão de constituir família passava pelo desejo e necessidade de gerar filhos continuadores do nome da família e herdeiros legítimos do patrimônio privado. Entre as pessoas dessa camada social o casamento apresentava-se ainda, como instrumento de vinculação entre famílias. A prole de um casal era prova concreta desse tipo de união e liame para novas alianças. Adivinha daí a importância do casamento na formação da família de elite piauiense, espinha dorsal da estrutura social e base da estrutura de poder na capitania.²³

Apesar da análise de Brandão²⁴, ter como foco a família colonial no Piauí, enfatizamos que os laços anteriormente construídos proporcionaram as futuras gerações a manutenção e ampliação do patrimônio político-social dessas famílias. No que diz respeito, ao contexto da seca de 1877-1879, evidenciamos a partir da fonte que durante o século XIX, os núcleos familiares importantes continuaram a exercer espaços de poder social, mediante a adesão a partidos políticos, entre os quais destacamos: os Sousa Martins localizados no Centro-Sul da Província e os Castelo Branco pertencentes ao Norte do Piauí.

No tocante, a administração da província observamos no jornal “A Imprensa” que no primeiro ano de seca eram os políticos conservadores que estavam no poder administrativo. Entretanto, nos dois anos que se seguiram o Partido Liberal ascendeu ao poder político tendo como primeiro presidente provincial, o liberal, Sancho de Barros Pimentel, conforme mostra a nota a seguir.

Posse — Tendo chegado a esta cidade em a noite de 13 do corrente, o Exm. Sr. Dr. Sancho de Barros Pimentel, presidente nomeado para esta província, prestou juramento no dia 15 ao meio dia, perante a câmara municipal, e assumio a administração.
O Sr. Dr. Sancho de Barros Pimentel é ainda bastante moço, mas o seu talento e a illustração que já possui lhe asseguram um dos primeiros lugares entre os homens mais distintos da geração moderna.²⁵

A ascensão dos liberais ao poder é noticiada com entusiasmo pelos redatores do periódico “A Imprensa”, tendo em vista que o referido jornal pertencia ao Partido Liberal, desse

²² BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

²³ Ibidem. p. 139.

²⁴ Ibidem.

²⁵ A IMPRENSA, Teresina, ano 13, n°539, p. 4, 21 de abril 1878.

modo, informam que mesmo o novo presidente sendo “bastante moço” estava preparado para assumir um cargo importante no governo.

Observamos, na fonte que quando os liberais assumem o poder político da província há uma constante troca de cargos de destaque social. Não há indícios no Jornal “A Imprensa” sobre o motivo de tais trocas dos cargos, mas, acreditamos que ao assumirem a administração provincial, os liberais tenham procurado colocar nessas funções seus companheiros de partido. Igualmente, há relatos da adesão de ex conservadores ao Partido Liberal, como mostra a correspondência abaixo.

Manifesto — Publicamos hoje um sr. Horacio Ribeiro Soares, em que S. S. registra o facto de ter aderido à causa do partido liberal, em prol da qual protesta, d’ora em diante batalhar.

A aquisição foi excellente, pois é o ser. Horacio Ribeiro Soares importante membro de numerosa família do município de Jeromenha, e deputado a assemblea legislativa provincial.

Comprimentando affectuosamente o novo correligionário, damos-he um aperto de mão.²⁶

A adesão do novo correligionário é anunciada com satisfação pelo periódico liberal, além disso, o texto ainda demonstra que ter como aliado político o sr. Horacio Ribeiro Soares, era um ganho para o partido, por ser este “membro de família numerosa” e “deputado a assemblea legislativa provincial”. Com isso, percebemos que as novas alianças políticas eram uma forma de continuar ou ampliar o prestígio político, econômico e social. Há muitos outros relatos no jornal que indicam que durante os anos de 1878 e 1879 vários conservadores no Piauí, aderiram a causa liberal.

Toda essa movimentação no campo político pelas autoridades e pela elite em busca de benefícios próprios, acontecia enquanto os indivíduos pobres e “desvalidos” padeciam de fome e sede por causa da seca. Não obstante, os sujeitos abastados e os políticos do Piauí ainda estabeleciam uma rede de sociabilidade através de encontros como chás e jantares políticos. Possivelmente, nessas reuniões eram feitos acordos entre os grupos dominantes e discutia-se sobre questões político-econômicas. A seguir traremos o relato do jantar na casa do médico Dr. Constantino Luiz da Silva Moura, importante membro do Partido Liberal nesta província, no qual mostra um desses momentos de socialização ocorrido na cidade de Teresina.

Jantar político — No dia 21 do corrente mez as 5:12 horas da tarde teve logar na casa de residência do nosso distincto amigo Dr. Constantino Luiz da Silva Moura um lauto e profuzo jantar de 80 talheres, offerecido ao Exm. Sr coronel José de Araújo Costa por alguns de seus dedicados amigos, em que compareceu grande numero de liberais, residentes n’esta capital.

²⁶ A IMPRENSA, Teresina, ano 14, n°611, p. 4, 26 de setembro 1879.

Foi uma solenne demonstração de alto apreço e consideração tributada a pessoa do S. Exm., pelos relevantes serviços prestados a causa publica e especialmente a de seu partido, de que é proeminente chefe.²⁷

Ao falar sobre a seca, se faz necessário discutir a questão econômica no Piauí. A atividade econômica na segunda metade do século XIX, tinha por base o setor agropecuário. Tais atividades se caracterizavam “por serem extensivas e por possuírem formas tradicionais de organização da produção.”²⁸ Vale lembrar, que a posse da terra estava concentrada nas mãos de poucos proprietários e que a agricultura funcionava mais para o consumo familiar, eram feitas pequenas plantações mediante técnicas de produção rudimentares.²⁹ Diante disso, vemos que o setor agrário ocupava um lugar secundário na economia piauiense por estar voltada para a subsistência, já que os cereais não eram comercializados mas destinados ao consumo dos habitantes locais.

Nesse sentido, o setor pecuário representava a maior fonte de riqueza da província piauiense. Assim sendo, a economia do Piauí advinha dos currais através da comercialização do gado feita pelos grandes proprietários. Ao lado da pecuária, o único gênero que obteve destaque inclusive na exportação, foi o algodão. Ressaltamos, que os maiores índices da comercialização internacional do algodão teve relação direta com a Guerra de Secessão (1861-1865) nos Estados Unidos, o que levou a uma queda nas exportações desse gênero naquele país.³⁰ Alguns proprietários animados com a exportação comercial do algodão passaram a se interessar pelo seu cultivo “uma vez que podiam ceder terra para meeiros moradores e, com isso, obter renda extra.”³¹

Todavia, nos anos subsequentes principalmente durante o período da seca de 1877-1879, observa-se a diminuição na produção do algodão. Aliado a isso, houve também uma queda no preço desse produto, porém, ressaltamos, que o Piauí continuou a exportar o algodão embora fosse em menor escala para outras províncias da região Norte do Brasil.

Por conseguinte, o gênero que mais favoreceu o mercado econômico do Piauí, foi a pecuária. Entretanto, consta na fonte analisada o jornal “A Imprensa” que o quadro financeiro da província durante a seca era de crise. Tal quadro ocorria devido a considerável diminuição na produção pastoril ocasionando dessa forma uma queda nas finanças provincial.

²⁷ A IMPRENSA, Teresina, ano 13, n°540, p. 4, 28 de abril 1878.

²⁸ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991. p. 23.

²⁹ BORGES, Cássio de Sousa. **“Para bem cumprir” a lei das terras: o processo de regularização fundiária no centro-sul da Província do Piauí (1850-1860)**. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHB/Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem. p. 26.

É imprescindível pontuar que o Piauí, situado na região Norte do Brasil, não era a única província a ter sua economia afetada durante a segunda metade do século XIX, as demais províncias do Norte também sofreram com a queda de seu orçamento, isso porque nessa época o comércio açucareiro do qual dependia algumas províncias entrou em declínio, havendo a ascensão da região Sul do Império no cenário econômico com o café que assumia uma grande importância no cenário econômico imperial e conseqüentemente ascenderam ao poder político. Desse modo,

O Piauí, no Nordeste, região que, de agora em diante, passa a ser denominada atrasada, estagnava-se não só em decorrência da crise do Império como também em decorrência de fatores estruturais da província. A fragilidade da estrutura econômica da província piauiense é tão acentuada, ao se relacionar ao próprio contexto nordestino, que se explica em função da falta de infraestrutura que desse suporte ao desenvolvimento de outros setores da economia e gerasse riqueza a ponto de tornar a província auto-suficiente e propulsora de seu desenvolvimento interno.³²

O trecho acima nos sugere que a crise econômica do Piauí, ocorreu em grande medida não somente pelo fator externo pelo qual as outras províncias do Norte também passavam, mas o que favoreceu em grande medida a crise financeira foi a fragilidade da estrutura econômica provincial. Nesse sentido, a representação da economia no período de seca segundo a narrativa do periódico “A Imprensa”, é de que as verbas eram escassas, assim, os discursos dos redatores do jornal liberal bem como os ofícios da parte oficial do governo, relatam com grande frequência a falta de verbas nos cofres públicos para socorrer os indivíduos flagelados pela seca. Em vista disso, observemos os dois ofícios abaixo remetidos pelo governo piauiense as comissões de socorros.

Idem — N°101 — A’ das Barras — Declarando em resposta ao officio datado de 2 do corrente mês, que por falta absoluta de numerario nos cofres da thesouraria de fazenda, deixava de lhe remetter, conforme pedio, pelo cidadão Luiz Maciel da Rocha, a quantia de 1:500\$000 reis, destinada para socorros dos emigrantes e indigentes da referida villa.³³

Idem — N° 103 — A’ mesma — Acusando o recebimento do officio em 2° via datado de 16 de novembro ultimo, no qual pedia para ser elevada a quota de 200\$000 reis, que se achava autorisada a despende mensalmente com socorros n’aquele município — tinha a dizer-lhe que, em vista do estado de penúria em que se achavão os cofres da thesouraria de fazenda, não era possível attender o seu pedido; e quanto a remessa de cereaes para plantações que igualmente reclamou, já havendo aquella comissão providenciado acerca da compra d’eles, conforme communicou em officio de 29 do mez passado,

³² Ibidem. p. 29.

³³ A IMPRENSA, Teresina, ano 14, n°580, p. 2, 15 de fevereiro 1879.

tinha aprovado o seu procedimento, como lhe declarava n'aquela mesma data.³⁴

Os ofícios enviados em resposta a solicitação de recursos para atender a demanda da comissão de socorros nas vilas de Barras e de São João do Piauí, demonstram o difícil estado financeiro em que se encontrava a província do Piauí, não podendo estas socorrer os “retirantes” com tudo aquilo que necessitavam “em vista do estado de penúria em que se achavão os cofres da thesouraria da fazenda”.

A seca não foi o motivo causador do estado de “penúria” nos cofres públicos, mas sim um agravante da crise financeira. Pois, desde o início da década de 1870, o Piauí, registrava um déficit em sua economia. Logo, nos anos 1877-1879 veio a agravar ainda mais essa situação, pois a falta de chuva e de pastagem para o gado ocasionou a morte significativa dos rebanhos que eram nesse período a base da economia da província. Conforme, discutiremos no próximo tópico.³⁵

Em vista disso, nos chamou atenção na fonte analisada o ofício enviado à comissão de socorros de Oeiras, pedindo que se fizesse economia no fornecimento de carne aos migrantes, pois consideravam que diante de tais gastos “não haveria dinheiro que chegasse” e que “procurasse restringir o mais possível a despesa a fazer ali com a prestação e distribuição de socorros”.³⁶ A partir disso, percebemos que a crise financeira pela qual o Piauí passava, tem incidência direta sobre os socorros destinados aos “retirantes”, tendo em vista, que em alguns casos não haviam recursos disponíveis para atender as inúmeras solicitações de ajuda ou no sentido de fazer economia quanto aos socorros distribuídos entre migrantes.

Portanto, buscamos, primeiramente abordar o contexto social, político e econômico do Piauí, durante o contexto da seca. Tais informações são muito relevantes por nos ajudar a compreender esse período da história, assim como, visualizar com maior clareza a intencionalidade dos discursos e representações construídos sobre a seca a partir do olhar da elite local. Além disso, nos ajuda a ter uma dimensão maior dos efeitos da seca sobre a sociedade, a economia e porque não dizer sobre a política.

³⁴ Ibidem.

³⁵ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

³⁶ A IMPRENSA, Teresina, ano 13, n°535, p. 5, 21 de março 1878.

1.2 Os efeitos da seca narrados pelo jornal “A Imprensa”

Os anos de 1877 a 1879 marcaram de modo singular a história da região Norte do Império do Brasil. A seca atingiu grande parte das províncias do Norte gerando impactos distintos na referida região. Dentre as províncias mais castigadas com a irregularidade das chuvas estão: Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí. No caso específico do Piauí, no qual se concentra o foco deste trabalho os efeitos da seca foram sentidos de Norte a Sul da província. O quadro abaixo nos ajudará a ter uma maior dimensão da extensão da seca no território piauiense.

Quadro 1 — Distribuição espacial da seca de 1877/1879 na província do Piauí

Localidades piauienses atingidas pela seca de 1877/1879	Regiões geográficas da província do Piauí
Jeromenha	Sudoeste Piauiense
Villa Manga	Sudoeste Piauiense
Parnaguá	Sudoeste Piauiense
São Raimundo Nonato	Sudoeste Piauiense
Bom Jesus	Sudoeste Piauiense
Villa de São João do Piauhy	Sudeste Piauiense
Jaicós	Sudeste Piauiense
Oeiras	Sudeste Piauiense
Picos	Sudeste Piauiense
Barras	Norte Piauiense
Piracuruca	Norte Piauiense
Parnaíba	Norte Piauiense
Amarante	Centro-Norte Piauiense
Campo Maior	Centro-Norte Piauiense
Independência	Centro-Norte Piauiense
Príncipe Imperial	Centro-Norte Piauiense
Valença	Centro-Norte Piauiense
Pedro II	Centro-Norte Piauiense
Piripiri	Centro-Norte Piauiense
Vila do Livramento	Centro-Norte Piauiense
Marvão	Centro-Norte Piauiense

Teresina	Centro-Norte Piauiense
Humildes	Centro-Norte Piauiense

Fonte: Elaborada pela autora (2022) a partir da coleta de dados no jornal **A Imprensa (1877-1879)**.

O quadro 1, foi elaborado a partir das informações obtidas no periódico “A Imprensa”, o qual nos permite visualizar a dimensão espacial da seca no Piauí. Desse modo, percebemos que a província piauiense teve durante a chamada “grande seca” o seu espaço geográfico de Norte a Sul afetado pelos efeitos da prolongada estiagem. Com efeito, os impactos da seca em cada região ocorreram de forma particular.

De acordo com o jornal “A Imprensa” um dos primeiros agravantes da seca foi a migração da população flagelada. Os migrantes que vieram buscar socorro na província do Piauí, em sua grande maioria eram oriundos da província do Ceará³⁷. Logo, o referido periódico piauiense começa a narrar a chegada dos migrantes nas cidades, vilas e freguesias do Piauí. Na edição do dia 03 de maio de 1877 sob o título de “Piracuruca, 29 de Abril de 1877” informa que:

Estamos em pleno mez de abril, que como sabe, é o mez mais chuvoso do inverno, e no entanto os legumes estão perdidos, os rios completamente seccos, e o próprio pasto morrendo!
 O interior da província do Ceará, está sendo flagelado pela horrível calamidade!
 Inumeros emigrantes d’aquela sertão, se tem refugiado, parte nas serras, e parte no litoral. A serra grande está apinhada de retirantes, e dizem que o mesmo acontece na Amarração.
 O senador Paula Pessoa, tem tido prejuiso considerável na criação do gado n’aquela província.
 Mandou pedir consentimento a fazenda desta comarca, para retirar algum gado para aqui: e procura comprar ou arrendar terras, para fazer soltas do gado que ainda lhe resta.
 Esta comarca, limitrophe com aquella província, virá a soffrer bastante os efeitos do terrível flagelo.
 Se o mal agravar-se a ponto de haver verdadeira miseria, algumas pessoas terão de passar-se para a villa das Barras, aos menos temporariamente.³⁸

Apesar de o trecho acima não informar o remetente da correspondência, observa-se, que seu autor mostra-se apreensivo diante dos primeiros efeitos da seca. Pois, a falta de chuva no “mez mais chuvoso do inverno” ocasionou entre outras coisas a perda dos legumes, dos pastos, secagem dos rios, além dos deslocamentos em massa de pessoas que migravam do Ceará para a província limítrofe. A nota ainda enfatiza que os terríveis impactos da seca trazem prejuízos

³⁷ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

³⁸ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°507, p. 2, 3 de maio 1877.

a todos os seguimentos da sociedade, uma vez que, o senador Paula Pessôa, de família abastada teve de recorrer a província vizinha para tentar salvar o seu rebanho numa tentativa de sanar os prejuízos com o gado. Além disso, reforça-se que por limitar geograficamente com o Ceará, a comarca de Piracuruca viesse a sofrer as consequências do flagelo, tendo sua população que buscar refúgio em Barras.

A correspondência de Piracuruca traz um dado importante a respeito da migração, pois ao mesmo tempo que notifica as autoridades sobre a presença de retirantes vindos do Ceará, também aponta para a possibilidade da migração interna dentro da província do Piauí, uma vez que os moradores de Piracuruca teriam de “passar a villa das Barras”. De igual modo, chegam notícias a capital da vila de Independência, notificando que, “Nesta villa já à muitas casas abandonadas e no termo não se contão, havendo lugares onde já não mora ninguém.”³⁹ Portanto, o agravamento dos efeitos da seca sobre o Piauí leva a população local a migrar para outras localidades em busca de sobrevivência.

A medida que o período de estiagem se prolonga, as publicações no jornal “A Imprensa” sobre a seca vão sendo cada vez mais frequentes. Diante disso, percebe-se, que o relato de Piracuruca sobre as migrações ocorridas em abril não é um fato isolado, mas que esses deslocamentos humanos vão ser constantes durante todo o período de 1877-1879. Evidentemente, que essas migrações assim como as demais consequências da seca não vão atingir todos os pontos da província na mesma proporção. Dessa forma, é possível inferir que algumas localidades tenham recebido um número maior de migrantes que outras. Sobre essa questão Araújo, informa que:

Não existe, nos documentos oficiais, uma estimativa sobre o número de imigrantes que chegou ao Piauí, durante os três anos de seca. Sabe-se que alguns núcleos urbanos como Oeiras, Amarante, Jaicós e outros, tiveram sua população acrescida, conforme revelam as correspondências daquelas localidades na época da seca. Cada correspondência que chegava à capital era com um número de migrantes diferentes, ficando, assim, difícil de avaliar, com precisão, sua população (...)⁴⁰

Por conseguinte, dentre as inúmeras correspondências que eram enviadas do interior da província para a capital Teresina informando sobre as dificuldades que a população sofria devido à seca, destacamos a situação de Oeiras, na edição do dia 1 de agosto de 1877, a qual traz a seguinte nota.

A respeito da secca – De Oeiras, em data de 23 do passado, escreverão-nos o seguinte:

³⁹ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°515, p. 3, 25 de agosto, 1877.

⁴⁰ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991. p. 40-42.

*Existem actualmente nesta cidade e pelos subúrbios, para mais de três mil emigrantes; e segundo informações fidedignas, muito maior é o número d'elles que ainda veem em caminho, luctando com toda sorte de dificuldades e privações para chegarem ao termo de sua longa e penosa viagem. É doloroso ver-se o estado em que aqui chegão, pela maior parte quasi nús e famintos!! V. S. prestarião a esses infelizes um relevantíssimo serviço, chamando a attenção do governo para este assumpto, sem duvida da maior importância; tanto mais quanto já se passão lougos dias consecutivos que não vem ao mercado público mantimento de qualidade alguma.

*Estamos por assim dizer, no começo da secca: avaliem o que está reservado a semelhante gente de setembro em diante.

*Se o governo não os socorrer com dinheiro bastante, tem de perecer muitos a fome!!⁴¹

Através desse relato, podemos ter uma dimensão da quantidade de pessoas que chegavam ao Piauí fugindo da seca. Mesmo já se encontrando em Oeiras, cerca de 3 mil migrantes, o autor ainda enfatiza que um número ainda maior de pessoas vem pelo caminho. Tendo em vista as longas distâncias percorridas os flagelados da seca chegam em Oeiras “nús” e “famintos”, em vista disso, pede-se das autoridades do Governo que socorra a essa gente caso contrário “tem de perecer muitos de fome”.

Não obstante, nos chamou atenção o fato de não haver gêneros alimentícios no mercado, ou seja, isso mostra um outro agravante da seca, a falta de alimentos. É importante frisar, que a situação enfrentada por Oeiras, no tocante a falta de mantimentos era uma realidade pela qual outras partes da província passavam, conforme afirma Araújo, “A escassez de alimentos atinge quase toda a população piauiense que, ao passar do tempo, tornava-se vítima da seca, fato que ficou na memória do piauiense até os dias de hoje.”⁴²

A falta de mantimentos no mercado de Oeiras é uma realidade que aos poucos vai ocorrendo em outras regiões do Piauí. Isso porque o fenômeno da seca atingiu o setor da agricultura e as poucas chuvas que caíram não puderam garantir uma boa colheita. Desse modo, se faz importante lembrar que na segunda metade do século XIX a lavoura na província do Piauí era de subsistência, ou seja, produzia-se para o próprio consumo da população local.⁴³ Consequentemente, não havia na província piauiense um suporte para atender à grande demanda de solicitação de víveres para socorrer a população desvalida que padecia com a fome.

Em consequência da falta de gêneros alimentícios no mercado para consumo, vai ter como principal efeito o aumento no preço dos cereais, de tal modo que nem todos da população

⁴¹ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°514, p. 6, 1 de agosto, 1877.

⁴² ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991. p. 43.

⁴³ SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. 2° edição; ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

vão ter condições de comprá-los. Como mostra a edição de 29 de setembro de 1877 no jornal “A Imprensa”.

Os legumes — isto é, farinha e milho, que é o que ainda aparece — sobem de preço com uma rapidez espantosa, e espera-se que no fim do anno e princípios do vindouro faltem absolutamente, ou subão de preço q’ os ponha fora do alcance da pobreza.

Os fazendeiros estão tristes e apprehensivos — os lavradores abatidos e desanimados; finalmente para qualquer lado que se olhe somente vê miséria, tristeza e desanimo.⁴⁴

A correspondência enviada aos redatores do periódico liberal “A Imprensa”, tem como remetente R. C. de Moraes, do termo de Piracuruca. Em sua fala o autor enfatiza o desânimo que abatia os lavradores e a tristeza dos fazendeiros diante das cenas de miséria que se vê por todos os lados naquele termo. Além disso, nos chamou atenção quando Moraes, ao falar sobre o aumento do preço dos cereais informar que a expectativa é que estes venham a subir de valor ou até mesmo a faltar nesta província. Ademais, fica evidente em seu relato que a população pobre são os que mais sofrem com o flagelo da seca, tendo em vista que diante da carestia dos alimentos estes não teriam condições financeiras de comprá-los.

Em vista disso, elaboramos um quadro com a finalidade de mostrar a variação de preço dos gêneros alimentícios durante a seca. Tomamos como exemplo a farinha, por ser um dos alimentos mais citados na fonte analisada principalmente nos ofícios do governo.

Quadro 2 — Variação no preço da farinha durante a seca nos de 1877-1878 na província do Piauí.

Gênero alimentício	Local	Valor	Ano
Farinha	Jaicós	28\$800	1877
Farinha	Teresina	110\$00	1877
Farinha	Oeiras	25\$00 a 30\$00	1878
Farinha	Piracuruca	10\$500	1878
Farinha	Parnaíba	10\$500	1878

Fonte: Elaborada pela autora (2022) a partir da coleta de dados no jornal **A Imprensa (1877-1878)**.

Conforme mostra o quadro 2, o preço de um mesmo alimento variava de um local para outro. A pesar de o quadro mostrar somente a variação do valor da farinha, acreditamos que o mesmo acontecia com outros cereais. A depender da região o comprador sentiria um pouco

⁴⁴ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°519, p. 2, 29 de setembro, 1877.

mais o efeito da seca sobre os gêneros alimentícios, isso ocorria devido à pouca colheita nos anos de estiagem, ocorrendo por vezes de não se achar determinado produto disponível para comprar, pois, alguns gêneros ficaram escassos do mercado, a exemplo do arroz, que em Jaicós “não tem por preço nenhum”.⁴⁵ Diante disso, percebemos, que em face a triste realidade do flagelo da seca, muitos sujeitos se aproveitavam para tirar proveito através da venda dos alimentos por um preço muito elevado, ficando a população sujeita a tal situação.⁴⁶

Em virtude da seca, outro setor importante não somente para a alimentação da população mas também por ser a principal fonte de renda da economia piauiense, desde o período colonial e durante todo o século XIX, a pecuária, sofreu com a perda considerável de seus rebanhos.⁴⁷ Desse modo, a falta de pastagem nos campos afetou a criação do gado vacum e cavalari. De Independência, chegavam notícias ao jornal “A Imprensa” informando as autoridades provinciais sobre a morte dos animais.

O gado vaccum e cavalari, morre para acabar-se e o que ainda existe não pode ser mais retirado, não só pelo estado de magreza, como pela longitude dos lugares onde à pasto. Os fazendeiros que de junho teem retirado, fazem uma enorme despeza e muitos teem chegado com metade do que condusem especialmente o cavalari.⁴⁸

A partir desse relato fica evidente a difícil situação dos criadores de gado. Tendo em vista, que quando o gado não morria em suas terras ficava vulnerável a perecer nos longos caminhos do sertão, em busca de pastagens. Consequentemente, a morte dos animais gerou grandes prejuízos para os fazendeiros, bem como para a economia da província do Piauí. Não raro, se verá anúncios no jornal sobre a venda de animais com a finalidade de amenizar o prejuízo financeiro causado pelas mortes do rebanho em consequência da seca. Logo, Mariano Gil Castelo Branco, coloca anúncio no jornal “A Imprensa” em março de 1879, colocando à venda “500 garrotes e novinhos” e mais ainda “20 burros capazes de todo serviço”.⁴⁹ Observamos, durante a análise da fonte que atitudes como a de Gil Castelo Branco, vão ser constantes entre os criadores piauienses nos três anos de seca.

Percebemos, que há uma construção de uma narrativa sobre a seca no periódico “A Imprensa”, que busca mostrar os efeitos da seca sobre as classes abastadas, os redatores do

⁴⁵ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°524, p. 4, 19 de novembro, 1877.

⁴⁶ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

⁴⁷ Idem. 2010.

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. 2ª edição; ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

⁴⁸ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°519, p. 3, 25 de agosto, 1877.

⁴⁹ A IMPRENSA, Teresina, ano 14, n°586, p. 6, 23 de março, 1879.

jornal dão nota de que pessoas de melhores condições financeiras tiveram que migrar, dos fazendeiros que perderam seus rebanhos. É inegável que a estiagem prolongada afetou todos os setores sociais direta ou indiretamente. Sabemos, no entanto, que os mais afetados pelo flagelo foram as pessoas mais desfavorecidas economicamente.⁵⁰

A contínua falta de chuvas desencadeou o deslocamento em massa dessa população “desvalida”. Essa movimentação de migrantes, levou o Piauí a receber muitos retirantes. Embora grande parte desses flagelados da seca tenham se fixado no território da província piauiense, ressaltamos que este não era o destino final a que desejavam chegar, pois, a população pobre e “desvalida” caminhava em direção ao Maranhão e Amazonas, a procura de trabalho e sobrevivência. Desse modo, o Piauí seria apenas um lugar de passagem para que se pudesse refazer as forças através do descanso e da busca pela alimentação.⁵¹

Devido a fragilidade física em que se encontravam os “retirantes” após percorrerem longas jornadas a pé, assim como, o seu triste estado de desnutrição devido à fome muitos não conseguiam seguir viagem e ficavam pelo caminho. É imprescindível lembrar que os processos migratórios durante a seca ocorriam quando não havia mais esperança de chuvas:

O abandono de suas casas e plantações só acontecia quando as últimas esperanças de chuvas já se haviam desvanecido e os grãos, que ficariam para as sementes, sido consumidos. Isso significava que, logo no início da jornada, já era precário o estado de saúde e de nutrição das famílias. Já saíam famintos de suas terras.⁵²

As condições de viagem dos retirantes era precária. Sofriam com a elevada temperatura, com a fome e sobretudo, sofriam com doenças. Evidentemente, quando os migrantes chegavam nas vilas e cidades do Piauí, estavam enfraquecidos, “famintos e nus” conforme consta nas notícias do periódico do partido liberal. Constantemente, as narrativas do jornal “A Imprensa” pedem ao governo que socorra os “retirantes” caso contrário “muitos vão morrer de fome”.

Mesmo com as medidas que o governo tomou para socorrer os retirantes por meio da comissão de socorros, distribuídas na capital Teresina e no interior da província, a seca de 1877-1879, fez muitas vítimas. Contudo, não há no Piauí registros que informem com precisão o

⁵⁰ GADELHA, Georgina da Silva; LIMA, Zilda Maria Menezes. Cortejo de miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 2, p. 101-118, ago-nov. 2017.

⁵¹ DOMINGOS NETO, Manoel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca seculorum**: flagelo e mito na economia rural piauiense. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.

⁵² NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p.27.

índice de mortalidade entre os migrantes, o que há são apenas relatos do crescente número de mortes no período em questão.⁵³

Entretanto, observamos, a partir dos quadros demonstrativos a movimentação dos “retirantes” na província, que durante os meses registrados, houve um índice considerável de mortalidade em duas das enfermarias destinadas pelo governo a tratarem os migrantes doentes. Tais dados podem ser constatados nos quadros 3 e 4, a seguir:

Quadro 3 — Movimento da Enfermaria de migrantes estabelecida no Quartel de Polícia em Teresina- jun./jul. 1879.

Meses	Existiam	Entraram	Curados	Faleceram	Ficaram
Junho	143	117	100	43	117
Julho	117	31	73	30	61

Fonte: Elaborada pela autora (2022) a partir da coleta de dados no jornal **A Imprensa (1879)**

Quadro 4 — Movimento da Enfermaria de migrantes estabelecida na Santa Casa de Misericórdia em Teresina- jun. 1879.

Meses	Existiam	Entraram	Curados	Faleceram	Ficaram
Junho	107	38	41	37	68

Fonte: Elaborada pela autora (2022) a partir da coleta de dados no jornal **A Imprensa (1879)**

A partir da análise dos quadros 3 e 4, percebemos, que muitos dos migrantes que deram entrada nas duas enfermarias da capital vieram a óbito. Apesar de não termos dados de outros locais que abrigavam os migrantes enfermos para tratamento, sabemos que muitos pontos de atendimento estavam espalhados pelo interior da província, pois encontramos na fonte diversos ofícios remetidos pelo governo provincial as comissões de socorros informando sobre o envio de remédios e ambulâncias para tratar os doentes que ali se encontravam. O que nos leva a crer que nas vilas do interior, a mortalidade tenha sido maior devido à demora para chegar os socorros, bem como pela falta de médicos em alguns lugares. Soma-se a isso o indicativo de que muitos “retirantes” faleciam na travessia de uma vila a outra, devido à fome, sede e doenças.

⁵³ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

Assim sendo, Dias, ao analisar a seca no Ceará, aponta como principais causas da mortalidade entre os retirantes a migração e as doenças epidêmicas que já existiam no Brasil, durante todo o século XIX, mas que se intensificaram no período de estiagem. Nesta perspectiva, podemos inferir que devido as condições de insalubridade que viviam, a aglomeração de pessoas vivendo em um mesmo lugar e tendo uma alimentação precária, os “retirantes” ficavam mais vulneráveis ao contágio dessas doenças, como a febre amarela e a varíola, não resistindo aos seus sintomas na maioria da vezes, principalmente as crianças que eram o grupo etário mais atingido pelas enfermidades.⁵⁴

Diante da situação de crise socioeconômica pela qual passavam as províncias do Norte, o Governo Imperial, adotou medidas de caráter assistencialista para socorrer os retirantes. Dessa forma, o governo provincial nomeou comissões de socorros públicos na capital Teresina e nas demais localidades do interior do Piauí. Todavia, os socorros não chegaram de imediato aqueles que padeciam com a calamidade da seca. De acordo com Araújo:

Somente a partir de maio é que foi liberada aos presidentes das províncias a ordem de distribuição de alimentos. A essa altura a seca já estava transformada numa catástrofe humana. No Piauí, só em agosto de 1877, é que começa a liberação de recursos (...).⁵⁵

Com o atraso da liberação dos recursos destinados a socorrer os que sofriam com a seca, alguns indivíduos passaram a praticar a caridade com os retirantes. Os redatores do jornal “A Imprensa” veem essa atitude como um “ato louvável”, “nobre”, de “generosos sentimentos”, desse modo, as notícias destacam duas formas de caridade: a primeira se refere a distribuição de alimentos com os retirantes e a segunda era o abrigo dos migrantes em suas propriedades, a exemplo do tenente-coronel Miguel Pereira de Araújo, que abrigou no seu sítio Bentos 105 migrantes.

Diante disso, questionamos se ato de caridade do tenente-coronel não o traria benefícios próprios, tendo em vista, que nessa época se construiu o discurso pela elite e pelas autoridades de que a população pobre livre do Piauí era arredia ao trabalho, de que faltavam braços para trabalhar na lavoura.⁵⁶ Desse modo, supomos que fosse vantajoso para o proprietário manter

⁵⁴ DIAS, Dayane Julia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE). **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v.27, n.2 [38], p. 175-194, jul./dez/ 2019.

⁵⁵ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991. p. 69.

⁵⁶ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **Cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Tese (Doutorado em História). CFCH/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2016.

um número significativo de retirantes em sua propriedade, pois, dessa forma, ele teria mão de obra barata para cultivar a terra.

Além disso, o espírito de caridade entre os grupos de elite estão intrinsecamente relacionados ao sentimento religioso, pois Igreja Católica enfatizava nos sermões da missa que a caridade era uma via pela qual se podia alcançar a salvação.⁵⁷ Porém, o jornal “A Imprensa”, também salientava que a caridade pública existia, mas que não era capaz de conseguir solucionar todos os efeitos advindos da estiagem, sendo necessário a ajuda do governo.

Enquanto há no jornal “A Imprensa” notícias que exaltam as atitudes de caridade das elites, não se pode dizer o mesmo a respeito dos migrantes. Observamos, que se constrói um discurso no qual os mais afetados pela seca são representados de forma pejorativa. Nesse sentido, nos discursos do jornal do partido liberal o “retirante” é definido como um agente da desordem, que pratica roubos, que gera insegurança e temor nos demais seguimentos da população.⁵⁸ O sentimento das elites passa a ser de medo, conforme mostra o trecho a seguir:

Os emigrantes agglomeram-se aqui pelo engodo dos socorros que vão recebendo; e que em outras partes não hão encontrado. Existem por debaixo das arvores dos arredores da cidade 4 a 5 mil pessoas, e são exíguos os meios de que dispõe a comissão, que por isso não pondera em suppri-los por muito tempo.

Com bons fundamentos, receamos que a mão mirrada do indigente se arrume para roubar e assassinar, quando lh’ a não podermos encher de pão; por isso a população está sobre-saltada e pede segurança.

Por outro lado reccio muito dos destacamentos. Os que estão em Picos e Jaicós vivem fazendo garndes desordens e roubos. Andão constantemente escoltas d’aquelas villas para aqui, com presos, e não uma só viagem de taes defensores da pátria — em que não cheguem ao meu conhecimento factos desta natureza. Tirão lenha das cercas, para queimar, a vista dos donos; matão-lhes as creações e afinal espanção!⁵⁹

Esse relato remetido de Oeiras, nos mostra o temor em que se encontrava a população daquele termo diante do aumento de indigentes ali estacionados. Diante da escassez dos gêneros pela comissão de socorros temia-se que a medida em que os mantimentos escasseassem os “retirantes” cometessem crimes como já ocorria em Picos e Jaicós. Compreendemos, que a prática de roubo pelos retirantes era uma estratégia de sobrevivência, ou seja, como os recursos remetidos as comissões de socorros não eram suficientes e posto que a caridade particular era

⁵⁷ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

⁵⁹ A IMPRENSA, Teresina, ano 12, n°516, p. 4, 31 de agosto, 1877.

cada vez mais rara, os migrantes seguiam pelo caminho do crime, outros ainda recorriam a prática da mendicância para conseguir alimento.

De fato, não se pode negar que os números da criminalidade, tais como roubo, homicídios e brigas aumentaram consideravelmente com a presença dos migrantes, sobretudo na capital da província. No entanto, o que os detentores do poder e formadores de opinião pública não levavam em conta, é que possivelmente esses crimes aconteciam em grande medida devido à situação miserável em que se encontravam os indigentes da seca, tendo estes de recorrerem a uma vida marginal e de mendicância. Nessa perspectiva, Araújo, nos diz que “a criminalidade, como manifestação de tensão social, era gerada pela extrema miséria na qual viviam essas pessoas”.⁶⁰

O sentimento de insegurança e medo da desordem causada pela multidão de migrantes, fez com que frequentemente chegasse ao governo provincial solicitações de aumento nos destacamentos policiais. Embora, conste que várias vilas do Piauí receberam os “retirantes” da seca, percebe-se que no tocante ao aumento da criminalidade o jornal “A Imprensa”, nos sugere que em Parnaíba, Oeiras, Independência, Jaicós, Piracuruca, a capital Teresina e Príncipe Imperial, foram os mais atingidos pelo efeito da violência, sendo estes lugares os que mais solicitavam policiais ao governo.

Diante disso, podemos compreender os percalços vivenciados pelos diferentes seguimentos sociais do Piauí, nos anos de 1877-1879, em consequência da seca. Além disso, analisamos os efeitos da seca em diferentes pontos da província, tendo uma dimensão territorial do alcance da seca e seus impactos sobre a sociedade, os meios de subsistência, a mortalidade entre outros fatores.

Percebemos, que o jornal é um importante veículo de comunicação da época e que nos deixou muitos indícios que nos permite compreender esse período da história.⁶¹ Ressaltamos, no entanto, que a produção da fonte apresenta o ponto de vista e a intencionalidade de quem a produziu, desse modo, os discursos mostram a visão das autoridades e da elite piauiense sobre os “retirantes” e a seca. Portanto, observamos que a seca é representada no jornal “A Imprensa”, a partir de cenas de miséria, fome, mortes, perda de rebanhos, narrando de modo particular sobre migrantes sendo estes representados de forma pejorativa e preconceituosa.

⁶⁰ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina.** Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.

⁶¹ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2º ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

2 A SECA REPRESENTADA NAS PÁGINAS DO JORNAL “A IMPRENSA”

“Pensar a seca, portanto, não é mais pensar apenas na ausência de chuvas que causa a destruição das colheitas, mas é, prioritariamente, pensar na massa de retirantes famintos e esfarrapados a invadir as cidades na busca de alimentos e trabalho.”⁶²

2.1 “Nesta província tem morrido varias criaturas de fome!” discursos sobre a seca.

Quando representamos algo, o nosso objetivo é fazer com que um fato ou personagem se torne conhecido. Igualmente, ao narrar a seca de 1877-1879 nos jornais, a imprensa nortista buscava representar e levar ao conhecimento do governo imperial, no Rio de Janeiro, bem como nas demais províncias do império as notícias sobre o estado “afetivo” em que se encontravam as províncias do Norte, em consequência dos efeitos da “grande seca”. Nesse sentido, os jornais exerceram um papel ativo e fundamental na propagação das práticas e discursos durante o flagelo da seca, funcionando dessa forma como um forte elemento informativo.

No Piauí, um dos jornais que teve forte atuação durante o período da seca foi o periódico “A Imprensa”, o qual pertencia ao partido político Liberal. Nesse sentido, podemos identificar as práticas e discursos representados no referido jornal a partir de dois momentos distintos: primeiramente, no ano de 1877 primeiro ano de seca quando os liberais eram a oposição piauiense, e num segundo momento, referente aos anos de 1878-1879 quando o partido Liberal ascende ao poder político na Província do Piauí.

Os migrantes da seca de 1877-1879, eram em sua grande maioria pessoas do campo, as quais viviam da agricultura e da criação de gado, principalmente os que moravam no Piauí. Logo, a falta de chuva nos primeiros meses do ano de 1877 afetou gravemente os meios de sobrevivência dessa população, pois conforme vimos no capítulo anterior, os setores da agricultura e pecuária foram bastante prejudicados pela prolongada estiagem. Consequentemente, os sujeitos que tiveram os meios de subsistência afetados e que não tinham mais esperanças de sobreviver em seu lugar de origem, se colocaram a caminho nos sertões esperançosos de que encontrariam auxílios e meios de sobreviver.⁶³

⁶² NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p.50.

⁶³ DOMINGOS NETO, Manuel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca seculorum**: flagelo e mito na economia rural piauiense. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.

Com efeito, a expatriação de milhares de pessoas nas Províncias do Norte foi um dos principais temas por meio do qual a seca foi representada pela imprensa nortista. Desde meados de março de 1877, que a seca passou a ser tema das notícias do periódico “A Imprensa”, entretanto, não era um assunto que ocupava as primeiras páginas dos editoriais e as narrativas enfatizavam mais a ausência de chuvas. Mas, à medida que o tempo passa e que os efeitos da seca passam a ser sentidos pela população local, a estiagem torna-se uma das principais temáticas do referido jornal.

Por conseguinte, a narrativa do jornal “A Imprensa” buscou representar a seca não somente como um agravante da falta de chuvas, mas, surgem novos discursos por meio dos quais a seca ganha destaque pelos problemas sociais que a estiagem causou tanto no Piauí, como nas demais Províncias atingidas pelo flagelo. Dentre as consequências sociais que a estiagem causou no Piauí segundo as menções da documentação consultada, está a questão da emigração. Em praticamente todas as notícias referentes a seca se evidencia o grande número de “retirantes” oriundos das províncias limítrofes que adentravam o solo piauiense.

Com isso, percebemos, que a migração passa a ser representada a partir de cenas de miséria, de discursos comoventes, que visavam mostrar os sofrimentos desses sujeitos. Nesse sentido, a migração é caracterizada como “espantosa”, “aterrorizadora”, “aflictiva”, relatava-se a grande quantidade de retirantes cearenses que chegava ao Piauí “nús” e “famintos”, alguns pareciam “cadáveres” ou “semi cadáveres”.

O crítico estado de debilidade em que os “retirantes” chegam as vilas e cidades piauienses, devia-se as longas jornadas percorridas a pé, atravessando os sertões nordestinos sendo privados de alimentação. Além disso, a migração se constituiu em um agravante social, pois as grandes levas de migrantes que chegavam as terras piauienses viviam em situação de extrema miséria, sendo empurrados para os subúrbios vivendo sob péssimas condições sanitárias e de refeições.

A migração dos “retirantes” para o Piauí começou logo nos primeiros meses do ano de 1877. Em Príncipe Imperial, localidade que limitava com a Província do Ceará há notícias de que por lá “Todos os dias desde o mez de maio que entrão grupos de emigrantes” e de que é “lamentável” a situação em que chegam naquele termo. Além disso, as autoridades locais reclamavam da falta de víveres para alimentar um número tão elevado de pessoas. Com isso, percebemos que o discurso vigente no periódico “A Imprensa” é que o drama pelo qual o Piauí vivenciou durante a “grande seca” foi resultado migração, que em 1877 o “drama da seca veio de fora”, através da migrantes, pois:

Sem estes, provavelmente, a “seca” de 1877 no Piauí teria igualmente ficado na história apenas como mais um período de dificuldade devido a u “mau inverno” e ao pasto minguido. Somente algumas áreas do leste, como os municípios de Independência e Crateús (Antiga Príncipe Imperial), que desde o final do século pertencem ao mapa político do Ceará, e algumas localidades da zona de Jaicós, teriam realmente vivido o flagelo devido a transtornos próprios de suas economias.⁶⁴

O posicionamento dos autores, reforça os discursos presentes na documentação de que a presença da migração teria sido a causadora do terrível flagelo no Piauí, tendo em vista que a população piauiense era pequena na segunda metade do século XIX, e que conforme já foi abordado anteriormente, os modos de produção era a agricultura de subsistência e com o número “espantoso” de “retirantes” que chegavam, a Província não dispunha de meios para alimentar tantas pessoas.⁶⁵ Consequentemente, a fome torna-se um problema social decorrente da seca, conforme mostra o trecho a seguir.

A fome em Oeiras — Desta cidade nos escrevem em 19 do mez passado: É horrível e assombroso o estado a que se acha reduzida a classe dos indigentes existentes nesta cidade, quer os emigrantes das províncias vizinhas, que aqui se tem refugiado, quer ainda os naturaes, todos os quaes debatem-se noite e dia contra os terríveis efeitos da fome.
A fome! A fome!...
É preciso ter-se um coração endurecido pela desnaturada indiferença, para não sentir-se a mais impressionadora compaixão ante o quadro triste e lúgubre que se apresenta aos olhos de todos os habitantes desta cidade, desde o raiar do dia até que se feichão as portas das casas horas adiantadas da noite.
E tudo o que se vê, indo que se lamenta não é mais nem menos do que a destruidora fome, acompanhada de todo o seu cortejo de males, que abre as medonhas fauces para engolir uma população inoffensiva, e que aterrada clama debalde por socorros a sua aflicção!
É assim que vemos, desde o raiar do dia, até altas horas da noite, por todas as ruas desta cidade, vagarem grupos de indigentes quasi nus, e mais se parecendo com cadáveres ambulantes, do que com homens ou mulheres, em cujo seio ainda se aviventa uma alma, que é imortal!⁶⁶

Observamos a partir do caso de Oeiras, que a seca traz consigo um “cortejo de misérias”, por meio do qual os “retirantes” são duramente afetados. Ao saírem de sua terra os migrantes esperavam encontrar meios de subsistência, entretanto, deparam-se com um mal “horrível” e “assombroso”, a fome. Padecem pelas ruas não só de Oeiras, mas também das demais localidades piauienses que passaram a ver “desde o raiar do dia” até “altas horas da noite” os sofrimentos e “aflicção” em que os indigentes viviam.

⁶⁴ DOMINGOS NETO, Manuel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca seculorum**: flagelo e mito na economia rural piauiense. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987. p. 48.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ A IMPRENSA, ano 13, n° 534, p. 4, 14 de março, 1878.

Inferimos, que os discursos como o de Oeiras referentes a fome tinham por objetivo causar comoção nas pessoas e nas autoridades, pois, falava-se constantemente de que era preciso saciar a fome dos indigentes, entretanto, quando os socorros chegavam até as vilas e cidades dava-se aos “retirantes” uma má alimentação, além de ter vários casos de fraudes nas comissões de socorros. Com efeito, ressaltamos que a fome foi uma realidade presente no dia a dia dos migrantes da seca de 1877-1879, na região Norte do Brasil Império.

Aliado a isso, a narrativa do jornal “A Imprensa” evidencia as inúmeras mortes das vítimas da seca, através de notas intituladas de “Já se morre de fome” ou “Nesta província tem morrido varias creaturas de fome”. De fato, a fome foi uma realidade dos despossuídos, dos pobres e migrantes que não possuíam recursos para adquirir gêneros alimentícios, conseqüentemente, os “desvalidos” iam enfraquecendo e ficavam mais suscetíveis as doenças e epidemias, as quais resultaram na morte de muitos desses retirantes.⁶⁷

Diante da situação de extrema pobreza e miséria, os migrantes buscaram meios de sobreviver durante o flagelo. As menções na fonte consultada referentes a seca, evidenciam as práticas utilizadas pelos “retirantes” para evitar os efeitos da seca, pois, a “fome ameaça aniquilar vidas sem contas”. Para tanto, chegam notícias de Príncipe Imperial, na edição de 17 de dezembro de 1877, de que os chefes de família saíam para a mata na esperança de encontrar alimento para o sustento de seus familiares, enquanto estes ficavam “debatendo-se nas agonias da fome”, não obstante, outros sujeitos recorriam a mendicância andando de porta em porta suplicando a caridade do próximo, diziam estes “Uma esmola pelo amor de Deos...”, haviam também aqueles que se desfaziam dos seus últimos recursos fosse dinheiro, bens materiais ou animais para conseguir alimento e não perecer de fome.

Ao analisar o cotidiano desses sujeitos pobres e “desvalidos”, na cidade de Teresina, no período da seca, Araújo⁶⁸, aponta a situação de vulnerabilidade em que os mesmos se encontravam. Diante da situação de miséria, a prática comum entre os migrantes foi a mendicância, espalhavam-se pelo meio urbano ocupando praças, ruas, as portas das igrejas para pedir esmolas. De igual modo, os “retirantes” estacionados nas localidades do interior da província buscaram na mendicância uma forma de sobrevivência.

Notamos, que os discursos construídos no jornal “A Imprensa” referentes a seca e aos migrantes, fazem parte de uma construção social da época, ou seja, são discursos construídos

⁶⁷ DIAS, Dayane Julia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE). **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v.27, n.2 [38], p. 175-194, jul./dez/ 2019.

⁶⁸ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivencia em Teresina**. Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.

para representar a realidade o que implica dizer que não se trata de uma cópia fiel e exata das coisas.⁶⁹ Desse modo, o discurso vai definindo os sujeitos além de construir o conhecimento sobre quem são e o que fazem. Percebemos na documentação analisada que há diferentes formas de representação dos migrantes. Primeiramente, narra-se sofrimentos, pede-se ajuda, socorros, um olhar aparentemente humanitário e sensível a miséria em que estes sujeitos viviam durante o flagelo da seca. No entanto, muitas notícias se referem aos migrantes em tom pejorativo, colocando-os como preguiçosos e agentes da desordem.

Eventualmente, a representação dos migrantes como ociosos e afeitos aos vícios é um discurso comum desde o início da seca em 1877 até seu fim em 1879. Tal fato pode ser constatado a partir da edição de 25 de setembro de 1877, quando no jornal “A Imprensa” em uma nota em negrito intitulada “Instruções” diz que:

Como medida salutar a bem da manutenção da moralidade e boa ordem, convem que as comissões convidem os emigrantes ao trabalho nas obras de reconhecida utilidade pública em projecto ou andamento, afim de prevenir os máos efeitos da ociosidade. A estes que assim se resolverem ministrarão uma ou outra ferramenta, durante o tempo de serviço, e não, como algumas vezes há sido praticado, um sortimento completo de peças para o trabalho da lavoura, enchadas, fouces, machados e facões.⁷⁰

A chegada da multidão de “retirantes” causa preocupação as autoridades, pois a presença de tantos sujeitos em um único lugar era uma ameaça a “ordem moral”, logo, com fins de “prevenir os máos afeitos da ociosidade” era preciso dar alguma ocupação útil aos migrantes. É importante frisar, que o trecho acima é parte das instruções do governo as comissões de socorros do Piauí e entre os meios pelos quais os flagelados deviam ser socorridos, está a questão do trabalho. Dessa forma, a ordem vigente desde o início dos socorros públicos era de dar trabalho aos migrantes, um recurso usado pelas autoridades para manter os “retirantes” sobre a vigilância do Estado, mantendo assim a moralidade e os bons costumes da sociedade “civilizada”.⁷¹

Com isso, observamos, que durante a “grande seca” os governos provinciais utilizaram a força de trabalho dos migrantes como uma forma de levar progresso material para o Norte do Império. Dessa forma, Souza⁷², ao analisar a seca e os Socorros Públicos no Ceará, aponta a

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.173-191.

⁷⁰ A IMPRENSA, ano 13º, nº518, p. 4. 25 de setembro, 1877.

⁷¹ NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

⁷² SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

emergência de uma nova política assistencialista que consistia na troca do socorro direto pelo socorro indireto, ou seja, para que os “retirantes” recebessem auxílio do governo era preciso que estes em contrapartida exercessem trabalhos em obras públicas. Não obstante, notamos que assim como ocorria no Ceará, a Província do Piauí também aderiu a nova forma de socorro aos “desvalidos”, sobretudo após a cessação dos socorros no ano de 1879, quando a ordem do governo piauiense era de que os gêneros de primeira necessidade fossem distribuídos somente aos migrantes que estivessem empregados em algum serviço público.

Identificamos na documentação analisada algumas notas sobre os trabalhos empreendidos pelos migrantes durante a seca no Piauí. Contudo, ressaltamos que as obras públicas nas quais os flagelados trabalharam referem-se aos anos de 1878-1879, período no qual o partido Liberal governava a Província, no ano anterior há apenas menções de que o trabalho era uma forma de evitar o ócio entre a população flagelada, mas em prática não encontramos relatos no jornal sobre obras públicas construídas pelos “retirantes” durante o governo conservador. Apesar dos apelos oficiais para empregar os migrantes, o Piauí não dispunha na época em questão de muitas oportunidades de emprego, conforme aponta Araújo:

As oportunidades ocasionais de emprego eram pequenas. A falta de recursos financeiros para a implementação de obras públicas era denunciada pelos administradores da cidade. Os presidentes da Província reclamavam a falta de verbas do governo central, chegando às vezes a ter de parar algumas obras iniciadas, como o cemitério de Teresina. Mesmo assim, os administradores se empenhavam em abrir postos de serviços, como calçamento das ruas, construção de igrejas, consertos na cadeia, rampas e taludes, o que contribuía para a oferta de emprego para a camada social “desclassificada”.⁷³

Notemos que mesmo o governo não dispendo de verbas suficientes para empregar a todos da camada social “desclassificada”, sempre buscava meios para abrir novos postos de trabalho em Teresina, nos quais os migrantes “válidos” foram empregados. Percebemos na fonte que a maioria das obras públicas feitas durante a seca se concentraram na capital da Província, entre as quais destacamos as obras do cemitério e da igreja São Benedito. Do interior do Piauí, encontramos um ofício remetido do governo provincial a comissão de socorros da vila de Valença, autorizando a referida comissão “a fazer trabalhar na dita obra os emigrantes”, o serviço ao qual os “retirantes” deveriam trabalhar era a reforma da casa da câmara e do júri da referida vila. Outra forma de dar uma ocupação aos desvalidos e mantê-los afastados dos

⁷³ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina.** Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010. p. 54.

centros urbanos, assim como vigiados e controlados pelo poder local foi a criação dos núcleos coloniais, onde os migrantes eram contratados para trabalhar na agricultura.

Além disso, os migrantes da seca também passaram a ser identificados pela imprensa das Províncias do Norte, como “retirante” e “desvalido”. O termo “retirante” é uma denominação empregada num sentido pejorativo, tendo em vista que anteriormente se usava essa expressão para fazer alusão à retirada dos rebanhos de gado para locais onde tivesse pastagens. Assim sendo, o termo ganha um novo significado referindo-se aos migrantes que retiravam-se de suas terras para serem socorridos em outros locais. Igualmente, o termo “desvalido” antes da estiagem de 1877-1879 referia-se as pessoas que eram vítimas de violência, da falta de segurança pública, mas, com o advento da seca a denominação foi usada para caracterizar os “desvalidos” que sofriam com os efeitos da estiagem, ou seja, os homens e mulheres que não tinham condições de se valer pelos seus próprios meios sendo, necessária a ajuda do governo.⁷⁴

A representação é um elemento imprescindível no uso dos discursos. Segundo Chartier⁷⁵, representação faz parte de uma construção de significados elaborados por agentes ou grupos sociais, os quais constroem as representações sociais mediante seus interesses. Nesse sentido, consideramos que os discursos referentes aos efeitos da seca no periódico “A Imprensa” são representados a partir daquilo que as elites e as autoridades desejavam que se tornasse conhecido, ou seja, não era uma cópia totalmente fiel aos fatos.

Logo, percebe-se na análise da fonte que se dava uma grande ênfase aos efeitos da seca sempre mostrando suas proporções “desastrosas”, “lamentáveis” e “dolorosas”. A migração é quase sempre apresentada como “excessiva” ao ponto de “cada arvore em roda da cidade é uma habitação”, assim sendo, para além de demonstrar as perdas dos rebanhos e das colheitas focava-se em narrar as misérias da seca que recaiam sobre os “desvalidos”. Ocasionalmente, algumas notícias referem-se a seca de 1877-1879, como a maior de todas, dizem “Ainda não tinha visto quadro tão compungente!” e que “Dizem todos os emigrantes que não há exemplo de secca igual.”.

Para Durval Muniz,⁷⁶ a imprensa juntamente com as autoridades nortistas se mobilizaram no sentido de fazer com que a seca ganhasse repercussão nacional, pois, além das duras consequências da seca, o Norte do país ainda passava por uma crise econômica, pela

⁷⁴ SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

⁷⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

⁷⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, p.111-120, 1995.

efervescência das ideias republicanas e abolicionista, bem como a crescente disparidade entre as regiões Norte e Sudeste do Brasil, tendo em vista que nesse período a região Sudeste ascendeu ao domínio econômico e político do Império. Conseqüentemente, esses fatores contribuíram para a perda de poder da elite nortista o que veio a se agravar ainda mais com a seca.

A partir do momento em que essa série de circunstâncias atingiu as elites rurais causando-lhes prejuízos financeiros e na estrutura de poder, as elites e autoridades vão politizar a seca colocando-a no centro das atenções por meio de representações fazendo com que suas vozes fossem ouvidas em plano nacional novamente, conseguindo desse modo investimentos e poder. Dessa forma:

O trabalho da imprensa, secundado pelas pressões dos parlamentares, leva o governo imperial a chamar para si um problema que era tido, até então, como responsabilidade das províncias. A nacionalização da seca como problema surge, pois, a partir do trabalho realizado por membros das elites do Norte na imprensa e no Parlamento, sob o impacto das mudanças que estavam solapando o poderio econômico e político dessa elite, o que a faz adotar esta nova estratégia de vítimas da natureza.⁷⁷

Tomando como mote a elite política do Piauí, percebemos que a mesma esteve alinhada aos discursos adotados pelas demais províncias do Norte. Conseqüentemente, essa elite que conforme consta na narrativa do jornal “A Imprensa” teve inúmeros prejuízos materiais como a perda de rebanhos e das colheitas, das famílias abastadas que enfrentaram dificuldades durante a seca, usou o espaço dos noticiários para fazer “campanha” no sentido de mostrar o quanto esta Província vinha sendo arrasada pelo flagelo da seca e assim poderem receber ajuda por meio das verbas imperiais.

Não obstante, essa mesma elite espalhada por todo o território piauiense escreve correspondências ao periódico “A Imprensa”, informando de que já se sentia “os terríveis efeitos da secca”. Alguns relatam sobre o aumento da violência, outros sobre a migração, a fome, morte e os preços “fabulosos” pelos quais os gêneros alimentícios eram vendidos, nesse sentido, cada localidade do interior e a capital Teresina buscavam mostrar através de seus discursos que se encontravam arrasadas pelo flagelo da seca. Conforme mostra a citação abaixo:

A secca

Informão-nos que, dois indivíduos que estão nessa capital, dizem que a secca nesta comarca não é tão horrorosa como se pinta, no entanto se para o fim do anno não tivermos chuvas, ou o governo não tomar serias providencias, morrerá gente de fome!!

⁷⁷ Ibidem. p. 117.

O gado vaccum e cavalari, morre para acabar-se e o que ainda existe não pode ser mais retirado, não só pelo estado de magreza, como pela longitude dos lugares onde a pasto. Os fazendeiros que desde junho teem retirado, fazem uma enorme despeza e muitos teem chegado com menos da metade do que condusem especialmente o cavalari.

Farinha e rapaduras, únicos viveres que se adquire, só na serra da Ibiapaba e villa de Pedro Segundo se encontra, na distância de mais de 40 legoas e só em bois e burros pode ser transportada e ainda assim canção uns e morrem outroda quelles animaes. Nesta villa já a muitas casas abandonadas e no termo não se contão, havendo lugares onde já se mora ninguém; como pois a secca não é tão horrorosa? Esses que dizem que ella não é tão horrorosa, se não amassem somente o seu eu, serião os primeiros a apregoarem os horrores da secca, porque ninguém mais do que elles estariam soffrendo, com passarem porem vida folgada e milagrosa como estão passando, os mais, por mais charos que lhe seião, passem como poder.

Não se iluda pois o governo, e creia no que a excepção daquelles — dizem todos, e a emigração para a capital e pontos da província é a prova mais evidente, por consequência não se limite ao que tem feito. O tempo e as circunstancias urgem, faça pois vir gêneros alimentícios em quantidade proporcional e contrate gado com um fornecedor; de pontos próximo a este termo, em fim tome medidas sérias, do contrário — lamentáveis scenas teremos a deplorar.

A constituição garante os socorros públicos e é chegada para este termo, a vez de gosar o benefício da lei fundamental. Depois se deve o governo lembrar que este termo tem contribuído para o tesouro com avultadíssima somma, por isso não é um sacrifício pesado os socorros que vieram.⁷⁸

A correspondência acima foi enviada pela comarca de Independência, no dia 01 de agosto de 1877, a capital Teresina. Apesar de ser um trecho relativamente extenso sua análise é imprescindível para o nosso trabalho. Inicialmente, percebemos que a correspondência tem por finalidade mostrar as autoridades que as consequências da seca naquela comarca são reais, pois inicia dizendo que “dizem que a secca nesta comarca não é tão horrorosa como se pinta”, isto é, diante de uma aparente desconfiança que acreditamos ser por parte do governo, construiu-se uma narrativa que aponta vários dos efeitos da seca e que os mesmos eram sentidos em Independência. Além disso, a citação ainda aponta os prejuízos que os fazendeiros tinham com seus rebanhos e ainda tece uma crítica aos mais abastados quando aponta que “com passarem porem vida folgada e milagrosa como estão passando, os mais, por mais charos que lhe seião, passem como poder.”

Desse modo, clamam as autoridades que enviem recursos para aquela comarca para que se possa oferecer socorros aos mais necessitados. Pede-se, que “tome medidas sérias” e ainda “A constituição garante os socorros públicos e é chegada para este termo, a vez de gosar o benefício da lei fundamental”, cientes de seus direitos garantidos por lei desde 1850 quando o

⁷⁸ A IMPRENSA, ano 13º, nº 515, p. 3-4. 25 de agosto, 1877.

Governo Central autorizou que se fizesse gastos públicos para socorrer a população em tempos de crise⁷⁹, pedem para que se faça valer o que era garantido por lei.

Contudo, acreditamos que os constantes apelos feitos através dos jornais estava relacionado muito mais aos próprios interesses das elites e políticos piauienses do que mesmo em preocupação com o bem estar dos “desvalidos”, já que há relatos na narrativa acima dos prejuízos que fazendeiros estavam sofrendo. O fato é que a comarca de Independência, não é a única a narrar os “horrores” da seca, de todas as partes da Província chegavam relatos parecidos e comumente se pedia auxílios ao governo. Aliado a isso, pedia-se que o governo criasse nessas localidades as comissões de socorros públicos e que se instituísse ali os membros dessas comissões, dessa forma, os recursos remetidos aos flagelados ficavam mais próximos das elites locais, as quais usavam os socorros em grande medida em benefício próprio, conforme veremos no próximo tópico.⁸⁰

Por fim, ressaltamos que os jornais eram um local de disputa de interesses, logo, veremos que atuação do jornal “A Imprensa”, durante o primeiro ano de seca terá por finalidade não somente representar as consequências da seca na sociedade piauiense, como também atuou no sentido de fazer constantes cobranças as autoridades para que tivesse um olhar “atento” e “humanitário” para os “retirantes”. Além disso, denunciavam as fraudes que aconteciam nas comissões de socorros nas diferentes localidades.

Outrossim, observamos que o assunto da seca passou ao longo dos três anos de seca de assunto secundário que ocupava notas pequenas nas últimas páginas das edições, para o assunto principal das discussões e narrativas do jornal “A Imprensa”. Além disso, identificamos na documentação que o assunto da seca era discutido tanto na Província como nas seções do Senado e da Câmara dos deputados, isto é, a seca deixa de ser uma preocupação local de nível regional e ganha uma amplitude nacional.⁸¹

Diante disso, é imprescindível pontuar que após ocuparem os cargos de poder na Província os liberais usaram o espaço do jornal “A Imprensa”, para evidenciar as ações do governo. Percebemos isso a partir dos incontáveis ofícios e correspondências que eram trocadas entre a capital e as elites políticas do interior piauiense, os quais passaram a ser destaque nas primeiras páginas do periódico. Dessa forma, inferimos que ao colocar em evidência as ações

⁷⁹ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, p.111-120, 1995.

do governo, o partido Liberal pretendia mostrar “transparência” e que estavam atendendo as demandas da seca, uma vez que em ambos os governos conservador e liberal durante a seca houveram muitas denúncias nos próprios periódicos de que as verbas estavam sendo usadas de forma indevida.

2.2 “Se o governo não os socorrer com dinheiro bastante, tem de perecer muitos a fome!” A Comissão de socorros e a imprensa.

A imprensa nortista funcionou durante a seca de 1877-1879 como forte elemento de pressão junto as autoridades imperiais, cobrando socorros aos migrantes atingidos pelo flagelo da seca. No Piauí, alguns jornais se destacaram por sua atuação informativa durante o período em questão, foram eles: “A Moderação” e o seu substituto “A Época” ambos pertencentes ao partido Conservador e “A Imprensa” ligado ao partido Liberal, o qual é a nossa fonte para esta pesquisa.

Com efeito, desde o início da seca em 1877 até os três primeiros meses de 1878 “A Imprensa” fazia parte da oposição do governo provincial. Com isso, percebemos que sua atuação informativa durante esse período será no sentido de representar a seca a partir dos seus diferentes efeitos, bem como cobrar auxílio aos “desvalidos” e denunciar as diversas fraudes que ocorriam por toda a Província nas comissões de socorros públicos.

Dito isto, notamos, que a narrativa da documentação analisada evidencia uma prática comum durante os períodos de calamidade, a caridade pública. Ressaltamos, que durante a “grande seca” foi função do Estado socorrer os “retirantes”⁸², mas, isso não impediu que as pessoas de “coração bem-fazejo” socorressem essa população dentro do que lhes era possível. Estes atos de caridade são sempre exaltados pelos discursos do jornal. Nota-se, que os atos de caridade para com os migrantes parte sempre de pessoas de destaque social importante, fosse fazendeiros ou funcionários do governo.

Identificamos na fonte algumas formas pelas quais esses sujeitos de “atos louvável” socorriam os migrantes. Primeiramente, notamos que a caridade estava voltada inicialmente para os gêneros de primeira necessidade como alimentos e roupas, pois conforme apontamos anteriormente essa massa de “retirantes” chegava ao Piauí “andrajosos”, “nus” e “famintos”, logo, a caridade pública buscou atender na medida do possível essas primeiras urgências.

⁸² ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

Alguns usavam suas profissões para ajudar, como é o caso dos médicos. De Oeiras, chegam notícias de que o Dr. Firmino de Souza Martins, atendeu os migrantes doentes que estavam estacionados na cidade e que o mesmo tratava a todos “com summa bondade”. De igual modo, na mesma cidade o Dr. Manoel Rodrigues de Carvalho, “tem sido inexcelsível em caridade”, tal elogio se deve ao fato de que o Dr. Carvalho, criou em sua casa uma enfermaria por sua própria conta para tratar os enfermos. Igualmente, alguns proprietários de terras acolhiam os retirantes em suas propriedades. Vejamos a seguir, o caso Príncipe Imperial, em que um juiz se ofereceu para ajudar esses “desvalidos”.

Fallo do digno juiz de direito desta comarca, Dr. João Felipe da Cunha Bandeira de Mello, o qual tem portado de uma maneira digna de louvor, já socorrendo aos necessitados com satisfação de fazel-o e já animando-os a procura de um lugar, onde possam exercer o trabalho.⁸³

Percebemos, que os atos de caridade como os do Dr. João Felipe da Cunha Bandeira de Mello, são exaltados na narrativa do jornal “A Imprensa” é uma atitude “digna de louvor” principalmente porque o juiz o faz “com satisfação”. Notemos, que o ajuda oferecida nesse caso está relacionada a questão do trabalho pois o Dr. João Felipe, estava procurando um lugar em que os migrantes pudessem trabalhar. Com efeito, a caridade pública estava pautada na maioria das vezes na premissa católica que diz “amai-vos uns aos outros”, além disso, acreditava-se que ao fazer o bem a própria pessoa que ajudava a seus “irmãos” era a beneficiada com as bênçãos de Deus.⁸⁴

Embora a caridade pública fosse vista como um ato “louvável”, esta por si só não poderia socorrer a todas as necessidades dos “retirantes”, tendo em vista que era uma demanda muito grande para se atender, pois, conforme vimos no item anterior a migração para esta Província foi intensa e havia muitos sujeitos precisando de auxílio. Com isso, veremos uma série de narrativas em que todas as comarcas enviavam para o governo provincial em Teresina, pedidos de ajuda, pois se encontravam em “estado aflitivo”. Nesse sentido, a seca de 1877-1879 “foi de caráter assistencialista, com distribuição de remédios e gêneros alimentícios, através das Comissões de Socorros Públicos”.⁸⁵

⁸³ A IMPRENSA, ano 13, n° 516, p. 03. 31 de agosto, 1877.

⁸⁴ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivencia em Teresina. Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

⁸⁵ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

No início da seca em 1877 eram os conservadores que estavam no poder no Piauí. O presidente da Província era o conservador Graciliano de Paula Batista, o qual instituiu Comissões de Socorros Públicos nos municípios que sofriam com os danos causados pela seca, assim como, naquelas localidades que eram receptoras de migrantes. Segundo Araújo, as Comissões eram formadas por pessoas instruídas e responsáveis pela comunidade como, o Vigário, o Juiz de Paz, o Coletor de Renda e o Delegado.⁸⁶ As comissões de socorros ficavam incumbidas de analisar quais as necessidades dos “retirantes” e enviar ao governo provincial para que estes pudessem remeter para as ditas comissões os auxílios necessários.

A partir das leituras bibliográficas e análise da fonte, identificamos que em ambos os governos Conservador e Liberal, os socorros aos migrantes se deram através do trabalho nas obras públicas (quando surgiam), recolhimento dos “desvalidos” aos núcleos coloniais, e envio de mantimentos como gêneros alimentícios, roupas, remédios, além da criação de enfermarias na capital Teresina para o tratamento dos migrantes doentes.⁸⁷

Por conseguinte, na edição de 24 de outubro de 1877, o jornal “A Imprensa” faz um apelo ao governo dizendo “Pela Imprensa peça, bem alto, ao Sr. Presidente da província e ao governo do imperador que não abandone esta comarca num estado tão desastroso, qual o da secca que nos flagella.”⁸⁸ O apelo é feito pela comarca de Príncipe Imperial, que após relatar o “mais miserável estado” em que se encontravam devido à seca, pedem ao governo que não os abandone. Os pedidos de ajuda são constantes, a exemplo de Oeiras, que em 31 de outubro de 1877 suplica “Neste estado de cousas, se não vier alimento, o bastante dinheiro para vestil-os,- não sabemos mais o devemos fazer.”⁸⁹

O governo que conforme analisamos “não tem sido surdo” aos pedidos de ajuda, enviava os gêneros de primeira necessidade conforme eram solicitados. No entanto, o que se observa a partir da narrativa do jornal e dos estudos de Araújo, é que muitos desses socorros eram desviados ou distribuídos de forma incorreta, em benefício dos membros das comissões ou de

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

⁸⁸ A IMPRENSA, ano 13º, nº 521, p.04. 24 de outubro de 1877.

⁸⁹ A IMPRENSA, ano 13º, nº 522, p.04. 31 de outubro de 1877.

peessoas próximas a estes.⁹⁰ Ocasionalmente, encontramos menções que apontam as fraudes. Vejamos a nota abaixo:

O dinheiro sahido das arcas do tesouro passa transformado em partículas pela bocca sempre aberta das victimas da fome para sumir-se algibeiras dos commanditários de alto cothurno, que o recebem sob mil e variados pretextos com o mais revoltante escândalo e imoralidade. A distribuição dos viveres, os supprimentos de fazendas, os alugueis de animaes para transportes de cargas, os núcleos criados, são por ahi além outros tantos escândalos enormíssimos.⁹¹

A nota acima escrita pelos liberais residentes em Teresina, aponta o mal uso do dinheiro público, afirmando ser essa prática um “revoltante escândalo e imoralidade”, uma vez que, ao invés dos socorros serem usados em prol da população de “desvalidos” era usado para beneficio das elites locais. Observemos o caso de Piracuruca, em que se trocava “carne bôa por outra de rez que aproveita-se” e ainda se denuncia de outros pontos da Província em que as comissões davam aos migrantes carne de “vaca” atolada, isto é, pegavam os animais de má qualidade muitas vezes doentes que estavam atolados na beira dos rios.⁹²

Outro caso que nos chamou bastante atenção foi enviado da vila de Independência, no dia 26 de agosto de 1877. Inicialmente, o autor que assinou a nota como “O povo” elogia a comissão de socorros por estar fazendo a distribuição com igualdade, entretanto, aponta o ato que lhe causou revolta. Acontece que os socorros destinados aquela vila foram estacionados em São Felix, lugar a mais de “12 legoas” o que dificultaria o transporte dos víveres dada as dificuldades de locomoção da época. Em sua defesa a comissão de socorros alegou que muitos flagelados estavam migrando para aquela região. O fato é que segundo consta na nota os únicos a migrarem para São Felix, de modo específico para o lugar de nome S. Vicente, eram os “parentes e protegidos de Joaquim Domingues” para um “lugar que não tem nem água potável”.⁹³

Esses foram os argumentos dos liberais da vila de Independência, com a finalidade de mostrar que era questionável o fato de haver migrantes indo para aquela região se nem água potável tinha. A notícia informa não apenas sobre a mudança dos socorros públicos para São Felix, como também evidencia os motivos pelos quais a distribuição seria feita ali. Informam que quase não havia mais habitantes em São Felix e como seria falsa a tese de que teria

⁹⁰ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

⁹¹ A IMPRENSA, ano 13º, nº 530. 01. 17 de janeiro, 1878.

⁹² A IMPRENSA, ano 13º, nº 526, p. 03. 10 de dezembro, 1877.

⁹³ A IMPRENSA, ano 13º, nº 517, p. 02. 14 de setembro, 1877.

migrantes estacionados naquela vila, logo, os únicos beneficiados seriam Joaquim Domingues e seus parentes, tendo vista que Joaquim Domingues, faria a entrega dos socorros. Não obstante, alega-se que Domingues, tinha muitas dívidas e usaria os auxílios enviados pelo governo com fins a pagar seus credores.⁹⁴

Da vila de Piracuruca no dia 01 de fevereiro de 1878, em carta assinada por “Um vigilante a favor dos desvalidos”, denuncia no jornal “A Imprensa” a prática cometida por “um comissário de alta categoria” o qual era o fornecedor das “matolotagens” e que ao matar as rezes em sua casa aproveitava-se para desviar os “coiros” das referidas “matolotagens” para vender e obter lucros para si. Esse ato causa revolta no “vigilante a favor dos desvalidos”, pois, os lucros dos “coiros” poderiam ser usados em benefício dos migrantes já “que poderia render nunca menos de sessenta a setenta mil reis”.⁹⁵

Apresentamos alguns relatos das fraudes nas Comissões de Socorros Públicos no Piauí durante o governo Conservador. Mas, ressaltamos, que a prática de usar a seca e os socorros públicos para beneficiar uma elite política ou os grandes proprietários de terra, foi algo comum durante os três anos de seca, o que implica dizer que os Liberais que outrora criticavam as ações “repugnantes” dos conservadores, ao assumirem o poder da Província, perpetuaram as mesmas práticas e beneficiaram-se dos recursos enviados para ajudar a população “desvalida”. Percebemos isso, através dos discursos nos quais os redatores do periódico Liberal defendiam-se das acusações de fraudes feitas a estes pelo jornal “A Época” pertencente ao partido Conservador.

Nesse sentido, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, enfatiza que as dificuldades financeiras pelas quais as elites nortistas vinham enfrentando desde que a região Sul do império ascendeu ao poder econômico e político agravou-se ainda mais durante o período da seca. Evidentemente, essa elite beneficiou-se dos recursos enviados as províncias para fins de socorrer os flagelados, mas, esse dinheiro não foi capaz de acudir a todos, pois, conforme consta na escrita do referido autor bem como na narrativa do órgão Liberal, muitas famílias abastadas do Piauí e Ceará vieram a falência e tiveram que migrar.⁹⁶ Dessa forma, compreendemos que os constantes esforços e argumentos usados pelos jornais e elites nortistas, tinham por finalidade muito mais do que socorrer aos “desvalidos” era obter ajuda para solucionar seus interesses pessoais, pois:

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ A IMPRENSA, ano 13º, nº 532, p. 02. 13 de fevereiro de 1878.

⁹⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, p.111-120, 1995.

Enquanto a seca foi problema para o mundo dos despossuídos, ela era uma senhora desconhecida, não merecia mais que breves notas em pé de páginas de jornais, mas, quando chega ao mundo dos proprietários, ela não só é percebida, como é transformada no “cavalo de batalha” de uma elite necessitada de argumentos fortes, para continuar exigindo o seu quinhão, na partilha dos benefícios econômicos e dos postos políticos em âmbito nacional.⁹⁷

Os núcleos coloniais, foi um dos meios pelo qual os proprietários rurais foram favorecidos durante a seca. Isto é, os fazendeiros davam aos flagelados terras para cultivar e casas para moradia e seu sustento ficava sob a responsabilidade do Governo, que fornecia roupas, instrumentos de trabalho e medicamentos. Eventualmente, os proprietários seriam beneficiados com a criação dos núcleos, uma vez que teriam em suas fazendas mão de obra livre e barata para trabalhar.⁹⁸ Sobre isso, Araújo, informa que:

A medida da criação de núcleos coloniais tinha por objetivos receber imigrantes flagelados da seca em áreas próximas à capital, de forma a resguardá-las de entradas maciças, evitando, assim, possíveis problemas sociais. Um outro fato que levou a administração provincial a empreender o estabelecimento desses núcleos, foi a carência da mão-de-obra escrava e a existência de abundante mão-de-obra para o trabalho agrícola, oriunda da zona rural nordestina com prática agrícola tradicional. Esse fato impulsionou a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre na Província do Piauí.⁹⁹

As medidas adotadas pelo governo Provincial não são decisões neutras, mas, trazem consigo uma série de questões que precisam ser discutidas. Primeiramente, observasse na citação que um dos objetivos dos núcleos coloniais era retirar a população adventícia dos centros urbanos, isso porque conforme discutimos no capítulo anterior o pensamento dominante das elites da época era o de “civilizar” e “modernizar” a cidades. Consequentemente, a presença de tantos flagelados vestidos de “farrapos”, “andrajosos”, “vadios” e “afeitos ao crime” dava a sensação de uma cidade ocupada e suja, totalmente contrária ao que se esperava para o modelo de cidade e sociedade civilizada, na segunda metade do século XIX.¹⁰⁰

Outro fator relevante na nota acima é a questão do trabalho. Vejamos, havia um discurso dominante na época de que precisava-se dar emprego aos migrantes, além disso, reclamava-se da falta de braços para trabalhar na lavoura já que havia uma carência na época do trabalho

⁹⁷ Ibidem. p. 120.

⁹⁸ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

⁹⁹ Ibidem. p. 80.

¹⁰⁰ Idem. 2010.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

escravo, ou seja, ter sujeitos com experiência na agricultura e nos quais os proprietários não teriam que investir grande soma de dinheiro já que as verbas eram enviadas pelo governo, era um negócio vantajoso para os fazendeiros.¹⁰¹

Os migrantes deveriam ter nos núcleos coloniais uma vida mais digna e menos miserável do que tinham antes, quando vagavam pelas ruas e praças de Teresina. Entretanto, não foi isso que ocorreu. Em ambos os governos, Liberal e Conservador, o Estado gastou elevada soma de dinheiro com os núcleos e os migrantes continuaram a sofrer, pois se denunciava nos jornais o mal tratamento que estes recebiam, um alimentação ruim, muitos adoeciam e vinham a óbito, continuavam a vestir-se com “farrapos. Vale lembrar, que os núcleos eram fiscalizados pelos membros da comissão de socorros da capital, onde se observava as “condições sanitárias, forma de distribuição de alimentos, medicamentos e roupas e conferência do número de imigrantes residentes em cada núcleo.”¹⁰²

Na inspeção aos núcleos coloniais em 03 de outubro de 1878, pelo Dr. Constantino Luiz da S. Moura, informa que “os núcleos estão bem collocados, a população que vive n`elles está satisfeita, váe se tornando forte e vigorosa, muito differente da que todos os dias chega a esta capital.”¹⁰³ É importante ressaltar, que o Dr. Constantino Moura, era um membro de grande destaque do partido Liberal e que teve forte atuação nos socorros da seca, contudo, questionamos o resultado final da inspeção dos núcleos. Pois, dos sete núcleos visitados todos apresentam problemas de moradia, insalubridade, muitos enfermos, principalmente pela má alimentação.

No núcleo Sítio, “a nudez é sensível em muitas famílias”, em Santa Philomena sob a direção do Sr. tenente Raimundo Sinval de Vasconcellos, o Dr. Constantino Moura, relata que houve o maior número de morte entre os núcleos, 54 migrantes vieram a óbito e a alimentação era considerada péssima pois era “exclusivamente da massa do côco, do bulbo do Coroatá ou ainda do polvilho da macahubeira”.¹⁰⁴ Nesta inspeção, observamos que todos os núcleos apresentam situações problemáticas e que conforme podemos inferir é praticamente impossível dentro de tais condições os flagelados estarem satisfeitos e contentes, mas, os argumentos dos Liberais buscavam mostrar o contrário.

¹⁰¹ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **Cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Tese (Doutorado em História). CFCH/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2016.

¹⁰² ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991. p. 83.

¹⁰³ A IMPRENSA, ano 14º, nº 562, p. 02. 10 de outubro, 1878.

¹⁰⁴ Ibidem.

A partir disso, percebemos que as fiscalizações dos núcleos não impediam que os sertanejos “desvalidos” vivessem em condições precárias, já que muitas vezes tentava-se mostrar um quadro em que as misérias vividas pelos migrantes não fossem tão evidentes. Sabemos, no entanto, que estes retirantes chegavam aos núcleos coloniais em condições de grande debilidade, tinham uma má alimentação e ainda eram expostos ao trabalho regular na lavoura. Tal fato explica o porquê de haver tantos migrantes enfermos nos núcleos.

Dentre os núcleos coloniais, dois se destacam e recebem diversos elogios e notas no jornal “A Imprensa”, são eles: o núcleo Felicidade, sob a direção do Sr. Capitão Mariano Gil Castello Branco e o Gandú, do contratante Sr. Capitão Miguel de Sousa Borges Leal Castello Branco. Estes núcleos são vistos como exemplo para os demais por se enquadrarem dentro dos discursos vigentes das autoridades da época, de que era preciso educar os homens pobres livres “civil e moralmente e religiosamente”,¹⁰⁵ assim sendo, os contratantes dos núcleos Gandú e Felicidade além de ofertarem trabalho na agricultura ainda abriram escolas de primeiras letras para as crianças e possibilitavam que os “retirantes” recebessem os sacramentos como o batismo, o matrimônio e que participassem da missa. A prática dos contratantes do núcleo colonial Gandú e Felicidade era motivo de “alegria” e “contentamento” e ainda “é digno certamente do maior louvor, e digno também de ser emitado pelos de mais contractantes ou donos de núcleos”.

O governo Liberal seguiu as mesmas estratégias de combate à seca usadas anteriormente pelos conservadores, a saber: a distribuição dos gêneros de primeira necessidade feita pelas comissões de socorros e o estabelecimento dos núcleos coloniais. Mas, ressaltamos que outras medidas foram tomadas pelo governo Liberal principalmente no ano de 1879. Dentre as medidas estava levar os migrantes para fora da Província. Foi dada muita ênfase nos ofícios remetidos as comissões da capital e do interior solicitando que seriam fornecidos transporte e passagem nos vapores até a cidade de Parnaíba, aos migrantes que desejassem deixar o Piauí. Conforme podemos ver na nota a seguir:

No dia 17 embarcarão mais de 52 emigrantes para a cidade de Parnahyba, com destino as províncias do Amazonas e Pará.

Continue S. Exc. a fazer embarcar para essas províncias os retirantes que não tiverem feito roças, suspenda o socorro aos que, por seu trabalho, poderem subsistir, e recolha ao hospital os doentes — que, d`esta arte, destro em pouco tempo, conseguirá resolver o magno e intricado problema da emigração.¹⁰⁶

¹⁰⁵ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **Cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Tese (Doutorado em História). CFCH/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2016.

¹⁰⁶ A IMPRENSA, ano 14º, nº 594, p. 04. 20 de maio, 1879.

A campanha de levar os migrantes para fora da Província ocorreu de forma intensa a partir da suspensão dos Socorros Públicos pelo governo imperial em maio de 1879. Logo, todos os “retirantes” que não possuíssem roças deveriam sair do Piauí. Além disso, a ordem do governo é que cessasse os socorros aos migrantes que pudessem manter-se através do trabalho. Em vista disso, os núcleos coloniais foram dissolvidos e os migrantes levados para o Hospital Morro Santo Antônio.

O Hospital Morro Santo Antônio foi criado pelo Dr. Belfort Vieira, o então presidente da Província do Piauí. Notamos que a medida foi alvo de inúmeras críticas pela oposição conservadora. As menções nos jornais “A Época” e “Semanário”, contra a medida do atual governo em que dissolvia os núcleos e visava levar os migrantes para o hospital, chegaram a ser pauta nas seções do Senado, no Rio de Janeiro. Conforme mostra o trecho abaixo:

Creio que pois ter demonstrado que o Sr. Belfort Vieira, longe de commeter um acto censurável, prestou um serviço digno de louvor, estabelecendo a enfermaria do morro Santo Antônio, nas condições que se achão expostas; a censura do articulista transcripta no discurso do nobre senador pelo Paraná é de todo ponto infundada.¹⁰⁷

A nota acima é parte do discurso do senador piauiense Parnaguá, o mesmo sai em defesa do então presidente da Província do Piauí, o Dr. Belfort Vieira. A discussão teve como mote uma notícia publicada pelo jornal “A Época” na qual denunciava que o referido presidente deixou de fechar contrato com o Sr. Martins Teixeira, sobre o Hospital que se instalou no lugar de nome Morro. Alegavam que a proposta aceita pelo governo sairia mais cara aos cofres públicos, no entanto, o senador Parnaguá defende o seu correligionário e explicita os ganhos que a Província teve com o novo empreendimento, o principal deles e que se tratava justamente do objetivo traçado por Belfort Vieira, refere-se a redução de despesas com os “desvalidos”, pois as despesas com os núcleos saíam em torno de 57:000\$000 enquanto com o hospital teriam grande economia, já que por mês o gasto era de 12:000\$000.

Com isso, o senador Parnaguá, considera a criação do Hospital Morro Santo Antônio “um serviço digno de louvor” e considera as acusações do senador pelo Paraná como “infundadas”. Apesar das críticas com relação a locomoção dos “retirantes” para uma distância de “2 legoas” da capital bem como da aglomeração de todos os migrantes residentes nos núcleos em um único lugar, “A Imprensa” ressalta que a enfermaria funciona bem e de que os “retirantes” são bem tratados, com boa alimentação, medicação e roupas. Dessa forma, os

¹⁰⁷ A IMPRENSA, ano 14º, nº 610, p. 03. 20 de setembro, 1879.

liberais buscaram mostrar através das notas publicadas no jornal que o processo de instalação e funcionamento da referida enfermaria ocorria de forma correta, ao contrário do que acusavam os jornais opositores.

Destacamos, que a suspensão dos socorros aos “desvalidos” ocorreu em um momento que se noticiava sobre as chuvas nas províncias do Norte. Nesse sentido, analisemos a menção na edição de 28 de março de 1879, no órgão do partido Liberal.

Desapareceu, afinal, o terrôr pânico da secca, porque, fazem hoje 14 dias que temos chuvas copiosas e geraes; tendo inxorrado todos os rios: por tanto, para segurar a pastagem já temos chuvas suficientes, resta-nos saber se teremos para segurar os legumes.

Si por este lado nos consideramos felizes, temos diante dos olhos, um novo quadro atterrador.

Não temos sementes para plantar, e a população vive em revolução pedindo sementes e ninguém lhe dá, porque não há absolutamente.¹⁰⁸

Consideramos a nota acima um tanto quanto exagerada, pois, dizer que o pânico da seca havia passado quando logo à frente na mesma notícia se diz que os migrantes sofrem com fome, pois não há nenhum gênero na comissão, é contraditório. Além disso, podemos analisar em diferentes pontos da Província a partir dos relatos da documentação consultada, que as chuvas nesse período eram irregulares, o que implica dizer que se em Príncipe Imperial havia tido “chuvas copiosas e geraes” não se pode afirmar o mesmo dos demais pontos do Piauí. A correspondência ainda aponta outro agravante que a população piauiense sofreu em 1879, a falta de sementes.

A falta de sementes foi uma triste realidade da população piauiense. Ocorria que com o advento das primeiras chuvas os agricultores se animavam e lançavam as sementes no chão e como não chovia estes perdiam a produção, de modo que em 1879 de diferentes pontos da Província se lamentava que embora houvesse algumas chuvas não havia em absoluto os grãos para semear. Inclusive o governo Liberal chegou a comprar grãos na Bahia, para distribuir entre os piauienses. Vejamos o relato do vice presidente do Piauí, o desembargador José Mariano Lustosa do Amaral, em 06 de maio de 1879.

As chuvas que tem caído na província, de janeiro até hoje, não satisfazem as necessidades da lavoura; não temos tido inverno regular, e não só por isso, como pela falta de sementes, que aliás mandei distribuir pelos municípios a que podiam aproveitar, sei que poucas restam de bôa colheita e com ella fallecem a crença de que em praso breve, as necessidades e grandes sacrificios do Estado.¹⁰⁹

¹⁰⁸ A IMPRENSA, ano 14º, nº 586, p. 03. 28 de março de 1879.

¹⁰⁹ A IMPRENSA, ano 14º, nº 592. 01. 06 de maio, 1879.

A nota acima reforça o que discutimos anteriormente, logo, se o inverno era irregular e não havia esperança de uma boa colheita já que o relatório do vice presidente da Província foi escrito em maio, ou seja, quase no fim do inverno questionamos os discursos do jornal “A Imprensa” que ao falar sobre a suspensão dos Socorros Públicos e a dissolução das comissões de socorros apresenta aos leitores um quadro sobre o Piauí que diante dos fatos gerou em nós desconfiança quando diz que “já vamos experimentando os benefícios d’uma boa colheita abundante, devida as boas chuvas;”¹¹⁰, percebemos uma contradição nos argumentos dos redatores do periódico, se não há sementes, se as chuvas foram irregulares e levando em conta que estavam vindo de três anos de seca, afirmar que estavam tendo uma colheita abundante, é questionável.

Diante disso, podemos compreender a atuação da Comissão de Socorros Públicos no Piauí, durante os três anos de seca. Notamos, que embora os espaços de poder durante a estiagem tenham sido ocupados por diferentes partidos políticos, as práticas de obter benefícios para si através das fraudes nas comissões foi comum entre conservadores e liberais. Além disso, vimos que a união entre as elites políticas, os proprietários de terras e a imprensa do Norte, fez com que a seca que outrora era considerada um problema regional ganhasse visibilidade nacional. Infelizmente a seca gerou muitos problemas sociais nos quais os mais necessitados foram os mais afetados e mostra a insensibilidade das elites que se aproveitaram dessa “tragédia” para satisfazer seus próprios interesses.

Por fim, ressaltamos que a postura do jornal “A Imprensa” muda quando estes assumem o poder. Antes agiam no sentido de denunciar e “fazer valer” os direitos dos migrantes, mas, ao ascenderem aos poder estes passam mais a informar sobre as ações do governo o qual se mostrava “ativo” e “humanitário” ocultando as práticas de corrupção das comissões de socorros e a miséria em que os migrantes viviam.

¹¹⁰ A IMPRENSA, ano 14°, n° 591. 04. 28 de abril, 1879.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, podemos perceber os diversos impactos que a seca de 1877-1879 causou na província do Piauí. Houve um grande número de mortes decorrentes da má alimentação ou falta dela, da falta de água e da incidência de doenças e epidemias, soma-se a isso os deslocamentos humanos em busca de sobrevivência. A fonte nos sugere que os diferentes grupos sociais sofreram com as dificuldades do período da seca, há narrativas no jornal nas quais consta que pessoas abastadas tiveram que migrar, dos fazendeiros que perderam seus gados, entretanto, apesar do periódico “A Imprensa” trazer esses discursos em suas notícias sabemos que foi a população pobre que mais sofreu com os danos da prolongada estiagem.

A partir disso, também identificamos que para além das migrações dos flagelados oriundos de outras províncias da região Norte do Império, muitos piauienses diante das escassas condições de sobrevivência abandonaram seus lares em busca de auxílio, fosse em outros municípios ou na capital Teresina. Dessa forma, fica evidente que a migração no Piauí não foi unicamente um fator externo, mas interno também, mesmo que em proporção diferente das migrações externas.

Vimos que durante o período da seca de 1877-1879, o Piauí passava por uma crise financeira o que veio a ter incidência direta sobre socorros públicos. Em vista disso, por muitas vezes, o governo juntamente com as comissões de socorros não conseguiam atender à grande demanda de ocorrências de ajuda aos migrantes, que necessitavam dos gêneros de primeira necessidade. Logo, os “retirantes” buscaram na prática da mendicância e dos roubos uma forma de sobrevivência. Por conseguinte, a elite e as autoridades passaram a disseminar nos jornais o discurso no qual o migrante é representado como alguém que oferece risco a sociedade, por ser este afeito aos vícios e crimes.

A elite, que na segunda metade do século XIX, buscava juntamente com as autoridades provinciais, a modernização do Piauí. Viam com maus olhos o grande contingente de migrantes perambulando pelas ruas, praças e pelo centro da capital Teresina. Diante disso, percebemos que para essa elite a presença dos retirantes ia ao contrário do ideário modernista, de uma cidade limpa e civilizada. Assim sendo, a representação e os discursos acerca da figura dos pobres flagelados será associada de imediato a “desordem social”, a ociosidade e a criminalidade, conforme percebemos em muitas das publicações do jornal “A Imprensa”.

Os jornais, foram imprescindíveis para que a seca ganhasse repercussão nacional. A imprensa funcionou como elemento informativo, contudo, as informações referentes a seca não eram imparciais, mas, carregadas de interesses de uma elite política e dos grandes proprietários

que buscavam mostrar por meio de representações de miséria, fome, migração e morte como a seca estava deixando as províncias do Norte devastadas. Com efeito, notamos que o teor informativo sobre a estiagem e seus efeitos mudava quando se ocupava lugares diferentes na hierarquia do poder. “A Imprensa” que por hora cobra medidas de auxílio aos migrantes e denuncia os “actos repugnantes” quando assumem o governo fecham os olhos para as práticas que tanto criticavam. Uma problemática encontrada na fonte é que os migrantes são sempre representados a partir do olhar do outro, o que exigiu de nós um pouco mais de atenção e criticidade ao analisar as notícias e representações, sobretudo, os argumentos de teor preconceituoso e pejorativo.

Além disso, conseguimos identificar quais medidas foram implementadas pelo governo no Piauí, para socorrer a população de “desvalidos”. Mas, apesar das verbas enviadas pelo governo Imperial a Província do Piauí, a multidão de migrantes continuou a viver em condições precárias de subsistência pois os responsáveis pelas comissões de socorros quase sempre buscaram tirar proveito para si. Além disso, observamos que em alguns momentos as correspondências enviadas para “A Imprensa” entravam em contradição.

Enfim, essa pesquisa nos fez perceber a importância do uso dos jornais como fonte histórica. Sabemos que os discursos presentes nesse meio de comunicação apresentam a visão de mundo de quem as produziu, é uma olhar da elite, das autoridades sobre os demais grupos sociais e sobre os acontecimentos. Dessa forma, se fez necessário uma análise crítica da fonte. Diante disso, esta pesquisa tem por objetivo a ampliação das discussões sobre o tema da seca, buscando contribuir para as produções historiográficas referentes ao Piauí oitocentista.

REFERÊNCIAS

FONTES

JORNAIS – BIBLIOTECA DIGITAL DO RIO DE JANEIRO: <

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 30/04/2022.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº507, 03/04/1877. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº514, 01/08/1877. p. 6.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº515, 25/08/1877. p. 3-4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº516, 31/08/1877. p. 3-4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº517, 14/09/1877. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº518, 25/09/1877. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº519, 29/09/1877. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº521, 24/10/1877. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº522, 31/10/1877. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº524, 19/11/1877. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº526, 10/12/1877. p. 3.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº530, 17/01/1878. p. 1.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº532, 13/02/1878. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº534, 14/03/1878. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 13, nº535, 21/03/1878 p. 5.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 13, nº539, 21/04/1878. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 13, nº540, 28/04/1878. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº562, 10/10/1878. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 14, nº580, 15/02/1879. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 14, nº580, 15/02/1879. p. 2.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 14, nº586, 23/03/1879. p. 6.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº586, 28/03/1879. p. 3.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº591, 28/04/1879. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº592, 06/05/1879. p. 1.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº594, 20/05/1879. p. 4.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 12, nº610, 20/10/1879. p. 3.

BN/HDB. Jornal “**A Imprensa: Periódico político (PI) – 1865 a 1889**”. Ano 14, nº611, 26/09/1879. p. 4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, p.111-120, 1995.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; BAPTISTA, Elisabeth Mary de Carvalho. A seca de 1888/1889 e seus efeitos sobre a vila de Amarração: deslocamentos humanos e conflitos no litoral do Piauí. **Cordis. Deslocamentos humanos: Cultura, decisões e conflitos**, n. 20, p. 260-291, jan./jun. 2018. ISSN 2176-4174.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinta; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. **História & Perspectivas**, Uberlândia (39): 37-57, jul.dez.2008

DIAS, Dayane Julia Carvalho. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na freguesia de São José (Fortaleza/CE). **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v.27, n.2 [38], p. 175-194, jul./dez/ 2019.

GADELHA, Georgina da Silva; LIMA, Zilda Maria Menezes. Cortejo de miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 2, p. 101-118, ago-nov. 2017.

NETO, Marcelo de Sousa. Nos bastidores do poder: Política e relações familiares no Piauí do século XIX. **Revista Crítica Histórica**. Ano VII, nº13, junho/2016. p.1-15.

SECRETO, María Verónica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan.-mar. 2020, p.33-51.

SOUZA, José Weyne Freitas. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, São Paulo, n.52, p.178-219, Jan-Abr. 2015.

Livros

- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina**. Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COSTA FILHO, Alcebíades. Atividades econômicas e sociedade. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850 – 1889)**. Teresina : Fundação Cultural monsenhor Chaves, 2006.
- DOMINGOS NETO, Manuel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca seculorum: flagelo e mito na economia rural piauiense**. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**: Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007. (Coleção Grandes Textos, v. I, II, III e IV).
- SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. 2º edição; ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

Dissertação

- BORGES, Cássio de Sousa. **“Para bem cumprir” a lei das terras: o processo de regularização fundiária no centro-sul da Província do Piauí (1850-1860)**. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHB/Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

Teses

- MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. **“[...] Cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado”**: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Tese (Doutorado em História). CFCH/Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2016.
- SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Asilo de alienados de Teresina: história da assistência e da institucionalização dos loucos [as] no Piauí (1881 a 1920)**. Tese (Doutorado em História). CFHI/ Universidade Federal de Pernambuco. Recife, - 2017.

Capítulo de Livro

- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Imagens de Teresina no século XIX**. Teresina: APeCH/UFPI. 1995. p.7-22.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.173-191.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In, **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2º ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Kátia de Araújo Silva,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação PRÁTICAS E DISCURSOS: a representação da sala no Piauí na narrativa do periódico “A Imprensa” (1877-1879), de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 04 de janeiro de 2022.

Kátia de Araújo Silva
Assinatura

Kátia de Araújo Silva
Assinatura